
Politica



1 9 3 0

ADMINISTRADOR — *Valentim de Sá* (F. M. U. E.)

EDITOR — *Armando López* (F. S. U. L.)

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.^a (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1^o

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Ingleza, Lda — Rua Eugénio dos Santos, 118 — LISBOA

ASSINATURAS

(Cada série de 10 números)

Continente e Ilhas	10\$00
F ^{Provincias Ultramarinas}	15\$00
Estrangeiro	20\$00
Número avulso 5\$00	

DR. AMARAL PYRRAIT

MÉDICO

CONSULTORIO : Rue Andrade
LISBOA

ARTHUR DE CAMPOS FIGUEIRA

AVOGADO

Rua Nova do Almada, 54, 2.^o
TELEF. C. 3024
LISBOA

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Política

REVISTA QUINZENAL

ÓRGÃO DA JUNTA ESCOLAR DE LISBOA DO INTEGRALISMO LUSITANO

Editor principal — António do Amaral Pyrrali (F. D. U. L.)

Lisboa, 10 de Janeiro de 1930

De todo o coração me arreio
a prestar comemoração ao grande
defensor da Religião e da
Monarquia Portuguesa, que
foi António Sardinha

D. Amaro de Bragança

CARIDADE DE PÁTRIA

Se bem entendo o propósito dos organizadores de este fascículo da *Política*, pretendem eles ajudar materiais para o estudo da personalidade excepcional de António Sardinha. Sendo assim, creio que o melhor modo de contribuir para o conhecimento íntimo do pôderoso animador do nacionalismo português é ainda acordando a sua voz que o podemos achar.

Antes que o tempo espalhe e leve as folhas das suas cartas, impõe-se o trabalho de as coligir. Não faltariam a ele, — penso, — os devotados amigos que chamaram a si o encargo nobíssimo de ordenar e publicar os escritos de quem tão apaixonadamente revelou a consciência intelectual da juventude do seu tempo.

O epistolário de António Sardinha deve ser o feixo da obra em que a sua vida se consumiu. Ali se verá, talvez mais pura, a chama da fé que o trazia abrazado. Todos os sentimentos se confundiam, no seu coração, num só amor. As alegrias mais ternas, os afectos mais meigos, serviam-lhe sempre para justificar e exaltar a sua paixão nacionalista.

Nas cartas que me escreveu — e guardo preciosamente, porque nelas ficon a conversar comigo — essa forma de ser alcança prespectivas unicas.

António Sardinha não sabia separar a sua vida da vida da Nação. E se tão cédo se extinguiu, não é errado dizer que lhe rasgaram a carne as feridas da Pátria!

Esse sonho exaltado libra as asas e palpita nas cartas que vou abrir.

Em maio de 1911 ainda Sardinha sacrificava aos ídolos da Revolução. Já por esse tempo se formavam na Galiza os nucleos que haviam de dar batalha à nova república. Ao fim de cada tarde anuncia-se a revolta libertadora para a manhã seguinte.

As férias da Páscoa tinham terminado, e como a prometida revolução se não desse, Sardinha escrevia-me de Monforte, num gracejo que não escondia o contentamento...

... «Resigno-me, pois, a voltar a Coimbra com a República Portuguesa, quando me estava anunciado só voltar com o reino de Portugal! Esperei, esperei, e se me desculda acontecia-me como aos sebastianistas! Eh, Luis! Em má hora te meteste a privações! Em má hora armaste em Bandarra! E caiste em ir para o exílio, contando voltares triunfante, com D. Paiva à frente, comandando a gloriosa milícia! Surriada, Luis, surriada!»



Dr. Antonio Sardinha

Meio ano depois (23 de janeiro de 1912) já era outro o tom das suas palavras:

Meu querido Luis: Tu tens sido o maior dos ingratos! Nem uma palavra te mereci ainda, nunca uma lembrança tua chegou até mim a assegurar-me que tu eras o mesmo de sempre, — o companheiro amaravél, a creatura doce, que tanto valias à gente nas horas tristes duma vida vassinha! O teu silêncio eu fujo de interpretá-lo como uma falta de confiança; mas, pensando bem, desde que sei que tu só a mim me exceptnas, dos antigos camaradas, — que a todos dizes de ti, que a todos contas a tua saudade, eu, francamente, não posso deixar de ver na atitude cerrada em que para mim te mantens um sinal de dúvida, quando não de excomunhão! «Tens sido um ingrato, Luis! E se porventura pelo teu espírito te passa a idéia feia de que eu te renegei, oh, meu amigo, prefiro antes que me coides um suspeito do que um miser Judas! Não! A minha alma desparou-se de cestas excrescências indignas de mim, — de todos os que se elevam nas asas dum sono alto, insaciável. Eu hoje, na solidão da minha stepe, vivo a sós comigo, com a braça inquieta que me devora. Ela me queimou as impurezas em que me abafava, não há já odio sem paixão vil, estreita, que me possa inflamar. Apartei os olhos da vergonha que me cerca e acastelhei-me na sagrada religião da Esperança. Como te repudiar?»

A vista de tantos estragos, a ilusão antiga entrava a esboçoar-se. Advinhava-se, na melancolia desta carta, o conflito em que a alma de Sardinha se debatia. «Il est sans doute difficile de changer, au cours de sa vie, les doctrines qu'on a déconvertes dans l' atmosphère intellectuel de sa jeunesse,» notou algures Henrique Massis. A atmosfera intelectual, em que o espírito de António Sardinha desabrochara, era agora batida por ventos contrários, e sob a tempestade, que se desencadeou, tudo se desmoronava em Portugal.

António Sardinha via-se só, entre escombros. E na soledade ardente que o envolvia, as vozes da courela natal chegavam a ele, murmuravam-lhe ao ouvido inquieto o segredo da criação, e deixavam-no ficar suspenso, a rever o que tinha sido...

A vida negava o que ele aprendera. Palavras, definições, sistemas, como eram diferentes do uso que lhes dera! Submeteu então a duro exame tudo o que seduzira a sua imaginação juvenil. E conformando a sensibilidade ao ritmo das coisas eternas que o cercavam, um outro homem acordava em si.

Tocado do entusiasmo, lírico que outra vez o feria, escreveu-me:

«Queridissimo Luis: Escrevo-te em vinte e quatro de abril, em véspera do Senhor San-Marcos, um dos dos quatro que disseram da vida de Jesus e padrinho dos bois e dos boeiros de toda a Cristandade. Amanhã, perío d'aqui, nema engalanada ermida, à hora da missa, por entre os fiéis, um novilho de dois anos entrará pela nave acima até ao altar-mor. «Ntra, Marcos!» — lhe gritaram

os mordomos da festa, que com varinhas o brâm tangendo, que o animal se poluiria se as mãos humanas o tocasseem. «Entra, Marcos!» E junto aos degraus do tabernáculo, com as hastes enastradas de fitas e de ervas de cheiro, a rez, em vez de tomar sob o cutelo sagrado, em nome da verdade receberá a bênção da Igreja e nos coros se lhe cantará o Evangelho do dia. «Entra, Marcos!» E o engelhado Topsins que habitava dentro de mim acaba de descobrir que essa festa, que o Christianismo conservou e santificou, tem raízes milenárias, desconde da festa do Touro que uma civilização pré-étnica bronzeífera, espalhou por toda a Europa. Mr. Homais sit-se-ia da ingenua solenidade e aproveitar-lhe-ia a origem para atacar a pobreza creadora do Christianismo e a mentira das Religiões. Eu, como honesto que estudo, solidifico com o facto a minha crença vinda nesse sinal claro dessa curva ascensional do homem primitivo para a Perfeição, que é Deus. «Entra, Marcos!» E hoje as hadadinas saem pelos campos — saiam — a rogar ao Ceu pelo renovo primaveril, pela messe que se acoresmada, pelos fructos que despontam. Como Portugal estaria lindo! — exclamava na tua carta a tua nostalgia. — Como Portugal está lindo e como elle te manda saudades, meu amigo! Floresce o rosmaninho, a planta que sculta as igrejas em Quinta-feira de Baixas e que, assistindo à cena do Calvário, perpetua na sua auterissima flor o sangue inocente do cordelero.

«Como Portugal está lindo! E quando eu olho o tapete das searas que ante os meus olhos se desenrolam por dez legnas infinitas, eu penso naquele romance de Melchior de Vogué, — *les morts qui parlent*. A verdadeira França, ali não é a que se estorce e debate no Palácio Bourbon, — não é a que governa e se divide em programas políticos irrealizáveis e perturbadores, mas a que trabalha e canta sempre, — aquela que escolhe os homens na ignorância do *ésses-já-fizeram* que aílha, aquela cuja seiva eterna dá filhos à Pátria e diabreiros à holha alfreja do Estado. Lembras-te?

«Ah, meu amigo, como nesta hora má é bom sonhar, trazer por entre as coisas simples a alma excruciateda. Abatidos os pesados que nos separaram e empurram para um agonizar sem glória, — em nós os que amamos e sentimos se recolhe e torna expressão a consciência, a dignidade nacional. Conservemo-la, traduz-se em páginas que a visçalem, — eis o que cumpre fazer, querido amigo! Por isso a alma se levantou com as asas mais foitas na manhã abençoada em que a tua carta me contou de ti e dos teus projectos.»

E acrescentava algumas linhas abaixo...

... «Penso em conquistar pressa e vou aguentando a minha bagagem de Topsius. E' que sinto em mim qualidades de historiador e é aí que melhor serviço poderei dispensar á nossa pobre terra.»

Não se enganou. Os erros de historia emendados por Antonio Sardinha só, talvez, a parte mais nova e mais util dos livros que nos deixou. Terminava essa carta por este modo...

... «Ha mais de um anno que não nos vemos. Ias tu para as férias de Páscoa e eu fui à estação. Llevavas o *Risbaud* que tanto tempo namoraras. Lembra-me ou não?»

Também eu me lembro. O livro de Arthur Rimbaud, a que Sardinha se refere, estivera por longo tempo exposto numa das montras da Livraria do França Amado, junto da *Enquête sur la Monarchie*, de Carlos Maurras. Passavamos horas a conversar ali. E recordo até que brincando com o republicanismo de Sardinha, eu lhe mostrava o exemplo do companheiro directo de João Moreira, do discípulo amado de Anatolio France que levantava na mão firme a lança de Minerva contra os dragões da Democracia.

En andava por longe. Terminadas as correrias pelas veigas de Chaves, fui com vagar subindo até á meiga Flandres. Ahi me chegou, datada de 30 de Dezembro de 1912, a seguinte carta, tão sentida que não se lê de olhos enchutos:

- Meu querido expatriado: Já sabes naturalmente por outros aquilo que só por mim devias saber. Mas en andei meses sem novas tuas e só aí por setembro tornaram aparecer postais, contando-me com a tua saudade a vibração amiga duma alva que tanto se identificou com a minha na arrancada dos mestros sonhos, nos entusiasmos da mesma mocidade. Marcavam-me esses postais o roteiro da tua vida errante, não te podia eu alcançar com a notícia alvoçada que o meu coração te guardava. Chegaram estas letras anuncianto-me o enraizamento. O quotidianismo da vida com os seus mil e um tropeços impediram-me então do cumprimento do gostoso dever. Abrayo-te, pedindo-te desculpas, e deixa que eu sinta a tua alegria na alegria com que te digo que me casei. Casei-me no dia 28 de agosto. Nossa Senhor teve um sorriso de paixão para com o casalinho e um bispo nos deitou a sua bênção. Casei. E unindo-me a quem será ao longo da minha existência um motivo constante de inspiração e confiança, eu elevantei um hino de certeza no futuro, ganhei a imortalidade, acendendo o fogo dum lar. Dos amigos — dos rares — só o bom Hipólito me acompanhou. Dos outros, presentes na comicação com que os evocara, um vento mui disperso, levava-os para longe ao acaso a cegueira criminosa do nosso tempo. E no entrar no ninho que entretecerá, eu alembrei-me de Vós, o Deus-dará sob céus estrangeiros, ouvindo aquellas falas que a gente não entende e que já o bom Fróilão do *Ajogueu* amaldiçoava por pôr essa doença na alma e no corpo do desengajado que as escutasse, empurrado para fora da vila natal. E eu alembrei-me de vocês e apertei-os todos nos meus votos, envolvendo-as na minha felicidade, ó companheiros amoraveis duma boa hora que não torna!

«Casei-me, Luís, — é verdade! Mas com que tristeza, ao entrar no meu lar, eu reparo que levava as mãos vazias, que os meus vinte e cinco anos não tinham como os vosso a grandeza duma abnegação, a aureola dum sacrifício. E admirarei-vos, admirarei-te! Vós sois no nihilismo moral que nos abafa o fermento sagrado que ha-de levar dar uma Pátria. De cá vos saudo, como te sandei no momento supremo em que deixava de ser um posto, uma pausa, para me tornar o anel duma cadeia infinita.

—Corri depois o nosso Portugal e lá estive em Chaves rezando com minha mulher sobre a campa rasa dos Martires Bendito sangue, que foi uma somesteira de milagre!

—Recordas-te, Luis de um dia me dizeres na tua casa, ao fim da geropiga e estremecendo um cavaco com a senhora Therexa (passei a Valpaços, — a terra della) que o erro jacobino havia de morrer em mim, por incompatível com a sinceridade que eu lhe consagrava, e que os meus olhos se abriam para as verdades eternas? Pois, meu amigo, meu Irmão, leste fundo na minha alma e com alegria te contou a minha conversão à Monarquia e ao Catholicismo, — as únicas limitações que o homem, sem gera de dignidade e orgulho, pode ainda accitar. E eu abenço, es abenço esta República tragicó-comica que me vacinou a tempo pela lição da experiência, que livrou a minha existencia dum desvio fatal. Rapazes, saibam lá que em Portugal a crença monárquica propera, saibam que, se repudiamos a miseria partidária dos bandos antigos, muito mais repudiaremos a oligarquia criminoso que nos escorcha! A Monarquia que venha reinstalar a paz neste pobre paiz, que se reorganizem os fundamentos sociais por um acto de inteligência e força, senão pulverizar-nos-emos numa vergonhosa derrocada!

—Conta-me, conta-me de ti, Amigo, diz-me se a minha esperança não me ilude...»

Não, a esperança não o iludiu. As gerações que vieram depois da nossa, comunsco barraram o caminho à mentira democrática, e a inteligência portuguesa, livre de estranhas excrecências, afirma-se e confessa-se publicamente.

António Sardinha entregou-se ao apostolado novo com fervor nunca visto. E é ele, que sentia como ninguém os encantos da Tradição e dela tirava os mais belos motivos literários para os seus versos e os mais nobres estímulos para a sua acção política, anunciar-lhe assim o seu primeiro estudo nacionalista:

—Meu querido Luis: Escrevo-te em vespere de S. João, — do S. João da agua-santa, com a herva-serpentina cantando à meia-noite a trova suspirosa, e as lindas moças encantadas estendendo ao caminhheiro da borda das fontes os lavrados cantaros de prata. Escrevo-te em vespere de S. João, d'alma toda embrulhada no misterio do solstício, desabrochando em rosas de fogo sob os pés chagados do grande filho de Israhel. Oiço como que crescer as ruízes em estremecimentos sagrados. É a tradição da Raça passa-me, inicia, completa, diante das pupilas semi-cerradas para a penumbra doce! Sem as «alvoradas», é o sono de S. João, é o jogo das canas mal-lo ou alferes da bandeira, pessoa de boa christandade, com o gentilho desdohrado por entre as raparigas, — é a «Senhora, Camara», de capa e varas nobres, reverenciando o Baptista glorioso. Ah, meu Amigo, como não has-de tu ser lembrado pelo meu coração, — poice despaissado, que mais do que nunca te sentes enraizado, na religiosidade calma deste momento, como nas espiraes da evocação não aparecerá o teu vulto miudinho, com alguma coisa da tristeza divina de Anto, com muito de D. Gil Valadares, — tu que conhecesses os perigos da

guerra e aprendes agora o vario saber em vila alheia, falando fálas alheias? ! Eu lembro-te, meu Amigo, e deixa que de longe te deseje a paz e te ofereça os bôlos de S. João aquele que a paz conhece e que em S. João acredita com a fidelidade dum cáblico que se esforça por sé-lo! O bem esteja contigo mais a graça de Deus Nossa Senhor!

«Vi rimas tuas, Irmão, na «*Alma Portuguesa*», que vem trazer uma nota viva de Esperança à minha Esperança sempre viva. Na hora em que escrevia da minha fé sobre os moços portugueses, nessa hora a bona mensageira me entra pela casa adentro numa aleluia consoladora. Não me enganara eu, — não! — e ainda-bem que o integralismo lusitanista adquire para a consciência da nossa geração o alto-sentido criador que eos ele move e nele lateja em frémitos fortes de vida! Es trabalho, — não num poeta, meu Amigo, mas num farto livro viril, — «A verdade portuguesa», que é a sistematização do que se pode, em realidade, considerar como próprio e original, como progressivo e espontâneo, na nossa maneira de ser colectiva. E o misticismo da Raça que es ali procurar corporizar, sam os prejuízos inimigos da nossa história que ali se denunciaram e desbaratam, é a revisão das possibilidades organizadoras do gêsto nacional, o minucioso exame de consciência da nossa época que já leva de vencida cosmopolitismos e theorizações sociais para se reconciliar de novo com essas duas grandes verdades que sam o Catholicismo e a Monarquia. Tu verás depois e contigo veram os bons camaradas que tam distantes e com espírito tam elevado se agrapam em torno do guião Iniciástico, como labaro dum amanhã melhor. A palida tendencia estética do «*Tranco romântico*» desdobra-se naquelas páginas quentes em amplos motivos de disciplina e resurgimento. E o que me anima mais é que um ambiente se dispõe, favorável, unico. O neoromantismo que se desprende das almas em embulho, sedentas de equilíbrio e certeza, tende a polarizar-se por todo o lado no sentido dum justa integração localista, a crise histórica que o nosso país atravessa reveste de exigências imperiosas o que nossas condições bem poderia ser apenas para a mocidade culta una pacifica atitude psicológica. Hoje a Ação reclama-nos e, como outrora em tempos de misticismo militante, não é o convento que Deus nos aponta, querido Amigo, é a Obra social, — a redenção das massas deschristianizadas, a metodização católica da necessidade sindicalista, a devolução à indissolubilidade familiar, — todo o vasto campo do resgate sacuranto dos outros! Por isso, tu deves voltar, voltar um dia, que bem perto andarás, com a linda bandeira exilada e com os pioneiros do mesmo sonho, servires a glória do Senhor, trabalhando pelo teu semelhante, ensinando-o a amar e a esperar...»

A *Alma Portuguesa*, a que Sardinha alude nesta formosa carta, era uma revista de estudantes, em que alguns rapazes, exilados na Belgica depois de terem experimentado as armas contra os soldados da República, ousadamente se proponham modificar a mentalidade fossil da gente do seu país. Ali se abriu pela primeira vez o pendão do *Integralismo Lusitano* e se proclamou a doutrina reparadora da Pátria em ruínas. O neoromantismo era o assumpto finalmente versado pelo melhor companheiro que lá tive: Domingos de Gusmão Araújo.

O livro que Sardinha preparava com o título *A Verdade portuguesa* foi publicado depois com outro arranjo e a designação *O Valor da Raya*, e constituiu a dissertação para concurso à Faculdade de Letras de Lisboa.

Em carta de 14 de Novembro de 1913, Sardinha precisa:

«Meu querido Luis : Perdões-me ! E por Santo António, que é meu padrinho, te prometo que não voltarei a cair em tão feio pecado, — em culpa mortal de silêncio. Arrisco-me a que duvides do afecto com que te quero e da presença vivissima com que a tua lembrança me assiste sempre. Sos meu amigo, — tu és um dos meus irmãos estremecidos. Desde os pavoros na sala de mestre Serrasqueiro aos extasiados limpídos com que enfileiramos, — tu mais oussadamente do que eu, — na ala resgatadora, com pequenos desvios a nossa jornada de moços corre unida e confiada, homem com homem, coração com coração. Hoje que nos achamos detentores d'uma «verdade portuguesa», e que Deus nos unge para servirmos na nossa terra, com outros que vinharam, um núcleo disciplinado e reparador, mais do que nunca um grande abraço nos liga, mais do que nunca os mais invencíveis laços nos soldam numa bela comunhão de destinos e aspirações. Podia eu lá esquecer-te, pois, meu bom, meu saudoso Amigo ?»

... Escuso de te tornar a dizer que a *Alma Portuguesa* encantou-me e comovem-me. O título é que não gosto dele. É a *Alma Portuguesa* do António Zé — é a *Alma Portuguesa* de quantos meninos se lembram por esses lícenos de delarem à sua um joenaleco. Mas a impressão desvanece-se ante o artigo de estrada. Há ali uma firmeza de intenções, uma unidade de designios que denuncia da vossa parte uma admirável cohesão. — uma juventude forte e homogenizada, procurando um emprego elevado para as suas horas, sequiosas de sentido e de fructo. Eu deponho a minha fé inteira no belo movimento que começa a animar a gente da nossa idade. Os rapazes veem em toda a parte a situação e esse milagre de assombro, que é bem Deus falando pelas almas claras e generosas, esse milagre de assombro, que raga já claridades nos destinos incertos da França e acende iluminismos estranhos na geração que lá cresce para a vida e para a luta, também entre nós, — no nosso Portugal, traido e leiloado, começa a fecundar as vontades, a cederem os impulsos que o charco enoja e ainda fortifica mais. Há hoje um grupo constituído, que ha-de ser o portador da grande fabareda. Ao instinto conservador da maioria dos moços portugueses é preciso dar-se-lhe uma filosofia, um corpo de doutrina que os oriente e encha de dignidade no agressivo da sua ofensiva. Vive-se ainda por cá dos Imortais Princípios e a Monarquia Constitucional, que caia por assimilar as ideologias da Revolução e com elas derrancar o paiz, é imperioso acabá-la de matar, não deve, não pode voltar. Voltará e tem de voltar transfigurada na Monarquia orgânica, tradicional, mantendo o equilíbrio das classes neutralizando as diversidades regionais numa vasta intenção descentralizadora, envolvendo-se de prestígio pelo respeito do espírito provincial, pela consagração das actividades particularistas. Assim deixará de ser uma concepção rígida, inerte abafando em aperiurismos mentirosos as diversidades etiológicas e glomorfológicas, para, apoiada nos Concelhos e nas Corporações, se identificar em tudo com o genio nacional, — com o poderoso intuitivismo gerador da nossa alma colectiva. E

convence-te, meu Amigo, que enquanto a oposição monárquica viver da aria desbotada da Liberdade e da *Certeza*, que, enquanto ela se não possuir duma profunda compreensão da nossa realidade nacional, nada conseguirá, nada fará. Porque se estes derrabaram os outros para se regalarem, aos ingenuos e descrentes parece que os outros o que querem é atirar com estes abaixo para se devolverem à festança antiga. ora, a principiar pelo Rei, é necessário ensinar aos monárquicos o que é a Monarquia. Nós já temos um precedente nesse sentido. E' a ignorância, é a desacreditada literatura miguelista. Rehabilita-se e com a vulgarização do doctrinariismo da *Action Française*, completamente desconhecida entre nós, organize-se uma teoria contra-revolucionária que ensine a esta gente que a Democracia é uma forma social inferior, implica a negação de todo o conceito selectivo, que só a Realidade pode solucionar as insufisíveis e instantes questões da hora presente. Ao mesmo tempo, num minucioso exame de consciência, expargemos da nossa história quantos julgados feitos, quantos subjectivismos deformadores lhe misturam e interceptam o verdadeiro sentido...»

Respondendo a esta carta, em que o pensamento contra-revolucionário de Sardinha aparece já perfeitamente construído, levantei as referências nela feitas à *Action Française* e, acentuando o fundo original do tradicionalismo português, prevenia Sardinha contra as influências da escola de Maurras. Logo Sardinha me tranquiliza (6-XII-1913):

... «Acetou (sejijo-te as mãos) com esse título que aventuras a tua ajuda valiosa e valiosa. Toda a chicotada é pouca e aqui o que se sofre é uma hipertrofia pavorosa de medo. Nada mais. Cincoenta anos de paz pode pacear-nos nas veias ciuza em lugar de sangue. E' a isso que nós queremos acudir, insultando à maledicência que arde em impetos de reagate um princípio fecundo de ação. A monarquia liberalista morre. O que é preciso resuscitar é a monarquia orgânica, tradicional. Nesse sentido, com um programa completo, redigido por mim e pelo Hipólito, aparecerá o nascença de uma futura instauração nacional. O *Interrogatório Lantana* (com o tu com tanta vista detenista) é o aspecto estético e filosófico do problema. O reconhecimento de todas as fontes criadoras de energia colectiva o fim a que nos inclinamos... As prevenções da tua carta sobre a *Action Française* já existiam em mim. Nós pedimos-lhe um método, — uma sistematização, — não um corpo integral de doutrinas. E embora o agnosticismo esteja condenado, as doutrinas de Charles Maurras no seu lado político-social não se acham em expurgação. Ainda ha penso o P. Descoqs, jesuita, público ácerca delas um livro que te aconselha...»

Era agora tenho muito que fazer. Vou concorrer à Faculdade de Letras de Lisboa, para em público e razão defender as nossas teorias históricas. Na dissertação tu verás como eu utilizo os dados da pre-história e do eruditismo moderno na elaboração duma síntese que seja o nosso ponto de apoio. A *Fundação Portuguesa* tem um factor estático, — o localismo, o município, — outro dinâmico, — a resistência lírica da Raça, traduzida na concepção reparadora do mito sebastião. ora en procuro traçar o desenvolvimento destes dois insufisáveis agentes da autentica

consciencia nacional desde a nossa remota ancestralidade. O enraizamento que se afirma nas tradições concelhias desconde duma humanidade primitiva que os arqueólogos acusam no sul da Europa, caracterizada entre as demais pelo seu apego ao território. Bem cedo enterrará os mortos, fixando-se, antes mesmo de praticar a agricultura. E dali, em comunidades primitivas, através das citanias do ter Minho fui estive em Britéiros, onde recolhi uma das emoções maiores da minha vida! até às balestras do princípio da Monarquia, vivia ascendendo para uma definitiva criação na forma completa do município. Por outro lado, nasci ferrenho, exposto a invasões de povos guerreiros que escravizavam a raça autoctone, a Esperança nasceu como reação fatal do vencido que, arrancado ao solo, se construiu mísseis de desfaria futura. Desde o altar que os céltas ergueram à «virgem que havia de parir», desde as profecias dessa sibila Cantábrica anunciando aos seus oprimidos um salvador, o mito sebastianista vinha crescendo, através de várias aspirações recaladas do nosso fundo étnico, até ao romate extremo na hora do desastre final. Compreendes, que esta exposição é muito atabalhoadas. Com os documentos que posso, tu depois apreciarás a minha conclusão, que se resume na aliança estreita do messianismo à forma communalista do concelho. Resulta dali que a Esperança, — e não a Saudade, — é o grande renovador e mantenedor do gênio lusitano.

— Também o folheto do Paschoaes me indignou. Escrivi umas coisas que devo não publicar por entendas que não valia a pena. O *Agou* está desacreditado, já ninguém os leva a sério...»

Para os que temem acusado o *Integralismo Lusitano* de ser apenas um rebento mais da *Acteon Française*, estas cartas, escritas quando coordenavam os elementos doutrinários, que iriam servir de base à nossa campanha nacionalista, não podem deixar de merecer um minuto, ao menos, de reflexão. Nelas ficou estampada a verdade com que, desde a primeira hora, repelimos a pecha de bastardia, que para o nosso pensamento buscavam os que o queriam diminuir e manchar.

Animou-nos sempre o desejo de enraizar o nosso espírito em chão português. Outra amostra deste propósito se encontra na carta de 17 de Março de 1914:

«Meu queridíssimo Amigo: Vain dois mezes coetidos sobre a tua ultima carta e eu só agora t'a agradeço! não voltei a incerter em pecado feio de preguiça, não! Foi pela maré de trabalho em que me vi envolto que eu tire de adiar com muito pesar meu a delicioso esquematismo dos meus deveres de amizade. E como te guardei sempre no pensamento, como no ardor da canceira eu te evocava a minha, — o que dirá o Luiz? — quando um resultado encorajante me aquecia o iluminismo de indagador; não senti agradamento ao aparecer junto de ti, porque no meu silêncio fecundo, tu, honesta camarada e melhor amigo, assististe sempre ao meu lado na troca entusiasmática dos altos motivos de beleza e ação que nos dirigem a vida, na comunhão plenária dos mesmos sonhos, do mesmo espírito de cruzada reparadora. E hoje que regresso do escuro das idades, viajando como andei pelos

domínios ásperos da antropologia, com a certeza vingadora que por lá adquiri de que não somos uma raça bastarda e que as qualidades éticas dum povo renascem e saem mais temperadas dos amoêdecimentos e sonambulismos colectivos, ao er-guer como nunca o meu acto de fé nos destinos da nacionalidade, é a ti e sempre a ti, meu Amigo, que eu envio a aléluia mística em que todo eu me transbordo. A «Verdade Portuguesa» cada vez se consolida mais e cada vez mais na alma dos moços se difine a sède de reviviscência que nos trabalha as alormentadas vigílias. Não se perde, meu Amigo, a semente que elevadamente andamos apurando para a deitar á gleba dormente que no seu poço inglório anseia por produzir!

Aos teus ouvidos, nessa Belgica distante, devem ter chegado os sinais da matinada linda que se anuncia por toda a terra portuguesa. Sabes já que vai sair a revista em que te falei e que será o orgão do nosso movimento. O primeiro numero em composição deve trazer um artigo meu, de escândalo. — *Tedólio, mestre da Cevra-Revolção*. E' o jeito sintético da visão histórica da obra de Tedólio, rematando-se numa insofável conclusão monárquica. Lá se faz o processo do constitucionalismo a quem podemos agradecer os piores males da Raça. — à Republica, inclusivamente, — e oxalá que consiga festa a atenção das pessoas cultas e bem intencionadas... A nossa tarefa é ampla, infinita, mas como a nossa mocidade se sente radiosa por se encontrar senhora dum fim, — na posse dumha unidade que a engrandece e a devota apaixonamente au serviço da Patria e do Futuro!

Também do nosso grupo saiu um panfleto, — *Aqui d'El-Rei!* em que o autor, republicano convertido á Monarquia congeçou a evangelizar com sucesso e penetração as ideias gerais do nosso ponto de vista. Recordas-te do meu caloiro de Coimbra, — do João Amaral? Pois é esse o arctario de que te falo. As silhuetas chegaram-nos de hora para hora. Tudo se reveste numma promessa magnifica.

E a propósito de *Os Cadernos de Mariote*, que vulgarizavam o ensino da *Action Française*, Sardinha repete:

«A *Verdade Portuguesa* posso alguma coisa de específico, de próprio, que não se surpreende nem se estuda nos criterios do neo-monarquismo francês. Este vale para nós pelo significado de oportunidade unicamente, porque nos nossos escritores do legitimismo acha-se definida e corporizada toda uma doutrina monárquica poderosa de observação e de positivismo.»

Batia a hora alta da meditação. Iamos largar a vela no meio da tempestade.

Era pela Pascoa, e Sardinha vinha ter comigo ao escuro exílio. Escrevia-me (10-IV-1914).

— Meu querido Amigo. *Feria VI in Pascua*. . . E a esta hora em Monsalvato descolhia-se o sangue do Senhor e, envolto na melodia angustissima de Sexta-feira Maior, o Eleito eleva á adoração dos fieis o calix sagrado. Caia sobre nós a graça que irradia sobre os cavaleiros do Gral e enquanto nos prestarmos para a

vigília da Páscoa, eu queria meditar um pouco contigo ó meu Irmão. Cessos montes nos separam, separam-nos cento rios, mas vai-nos a alma toda acesa no mistério deste dia de resgate. Tu decretaste aperante os teus unguentes, as tuas redomas de balsamo precioso para ireis ao sepulcro na manhan das profecias. E' contigo que eu quero fazer a romagem mística, — ó leal entre os leais, braço do meu braço-bordão a que me amparo! Sinto alongada sobre mim a bençan d'Aquele que por nós sofreu. Oh, o símbolo tocante da iconografia christã que representava nas primeiras edades o Filho de Deus como um mestre hediondo de fealdade! Se Ele chamara à sua divina face os pecados do mundo para nos redimir! Pois é olhando-o e reconhecendo-o na hora em que os outros lhe cospem e lhe levam a veste outra vez, — pois é com o seu sinal besti aberto no meu coração que eu, meu Amigo, corro a ti, te aperto contra mim e te saúdo em Christo Senhor Nossa Caminha-se para a Hora-Tertia, já o cortejo sai às portas da Cidade, os céus entenebrecem-se. *Fuado Rega.*... — e o hino sacro desprende-se-me dos lábios adorando ante a Cruz arvorada o Príncipe depurado do meu barro. Todo-me curvo, todo eu beijo o chão, mais humilde que os bichos da terra que só se mostram à noite com vergonha da claridade. Mas o Senhor foi para a minha aridez como a chave da tarde pelo estio, eu sou um homem de boa vontade, confio aguardo, não serrei confundido eternamente. «*Só as pugnas é que são temer esperança!*» diz a letra admirável do Ofício de Defuntos. E em frente do movimento em que Christo não tarda a repousar eu recito o versículo sublime: «*A morte carne desvanecerá na esperança, as fadis do Senhor nos Deas devaneirão em paz.*» Sim meu Amigo, pela Esperança nôs nos depuramos, a Esperança em nós conserva uma faulha bruxoleante de quanto herdamos da primitiva Patria. E em esperança para mim, em esperança para o futuro, eu ascendendo aos pés da Divindade enlaçada, preparando-me para a alegria fremente da Resurreição. Jesus resuscitará. E com Ele, com o seu oriflame esplendoroso, um morto ha-de surgir da escuridão dos limbos em que aque sepulcro, — misérrima larva errante! Sejamos sempre os discípulos confiados, quem sabe se o peregrino de Emaús não lhe vai emprestar para depressa o seu condão terrível de Derrrotador da Morte? Com a Páscoa do Senhor a Páscoa humaníssima, mas tão menos milagrosa do nosso Portugal nos está batendo à porta. Almas ao alto, não sejamos como as criaturas de pouca fé que tiverem ao Senhor em sua casa e não o reconheceram!

Medita, meu Amigo, e ta has-de achar que o enxovalho do Pretório vai passando, que já no atânde recordito em que só os vermes se emovelariam um estremecimento de vida se anuncia «com escândalo da judaica pravidade e passmo edificante dos gestos». Abengoados por Deus, nós soubemos crér, nós seremos assinalados na hora luminosa em que o prodígio se consumar. Silvaninha, presa na torre por ordem dos parentes, ver-se-á depressa desalgemado o espírito dos Avós que um encantamento diabólico impediernos no torpor dum longo sono. Agora descolhia-se em Monsalvato o sangue do Senhor, entre os cavaleiros assiste à cerimónia um recenvido solene. E' o Encoberto que regressa da prisão secular, recuperado, rejuvenescido. Com a vigília santa da Páscoa, sejamos prestados para o receber.

* E deixa que te beije pela tua linda carta. São effluvíos de vida superior que

me penetram e inflamam ainda mais da loucura religiosa que me traz votado todo inteiro à nossa cruzada reparadora. Com tanto que eu tenho para te contar, quando é que te verei para dar razão ao que me invade? Distaremos horas e horas a olhar-nos, a olhar-nos, falando mais que a palavra a nossa comovida madre. Hoje que entramos a enquadrar-nos em hoste cerrada, a falta que tu nos fazes. Sabes que, propagandista de nosso integralismo, vai ressarcir a tua antiga *Faustina Nova*? O meu livro antes do fim de Maio não apontará. Vem com as rosas e com o meu Filho. Alegremente t'ó participo. D'aquí a pouco mais dous mês arma-se em nossa casa o presépio do Natal. Pede tu a Deus pelo sangue do meu sangue e, em reconhecimento dispõe dos meus dois sonetos como tu muito bem quizeres.

«Cá aguardo com a maior antecipação a tua elevação à boa terra da Flandres, tam frumum da nossa na astrosidade e na candura. Amado muito o seu livro, torná-lo-ei em comunhão permanente, queridíssimo Luís! Tu és o parente mais amado do meu espírito, aquele em quem eu reverejo tudo aquilo que em nos. E a prova é a identidade de vistos e conclusões a que vamos chegando, embora tam apartados. Alegrou-me por isso deplamente a tua atitude em frente do Mariotte e da *Actua Franca*. De facto, nós possuímos, integra e bem autónoma, uma profunda doutrina monárquica. Ha um publicista do legitimismo, Faustino José da Madre de Deus, que se astreconde a Le Bon em dictames de pura demopsicologia e em quem se encontra magnificamente formulado o argumento de Maurras sobre o egoísmo do Rei, promovendo por interesse próprio o bem geral. Também eu estava convencido de que os mestres da nossa Contra-Revolução descendiam de Bonald e de Maistre. Hoje penso de modo diverso. No século XVII em Luis Mendes de Vasconcelos e Alberto Ferreira de Vera podemos filiar a origem dessa concepção política, que talvez proviesse de S. Thomaz. E a propósito: tu conheces algum livro sobre a sociologia thomista que me hajas de indicar? Era favor que se não pagava.

«Eu cada vez me adianto mais em constatações maiores sobre o nosso genio. Na revista verás a respeito de Teófilo uma ligeira exposição da minha tese sobre o Município, que em entendimento próprio da Raça. Levanta-se agora uma apreciação arrojada que nos faz inserir as raizes do provençalismo no nosso tesouro poético. Já se sahia que na nossa poesia popular se descobriam os embriões da Odyna: — a volta ao lar na *Rota Infante*, os trabalhos marítimos na *Nos Caboverdes*, tanto que em certas regiões do País se canta a xárcara como continuação da primeira. Um crítico espanhol surge a filiar ultimamente a literatura trovadoresca na influencia literaria dos Cancioneiros árabes cordovenses. ora em Córdova predominava o elemento mósarabe, engrossado extraordinariamente por gentes do noroeste da Península (Gáliza e Minho). Nos referidos Cancioneiros predomina a voz galega, que era o mesmo que a nossa antes da diferenciação dialectal, — é até a que prepondera e lhe imprime toda a deliciosidade lírica. Reforços psicológicos comprovam a hipótese. E que consolador não é para nós esta certeza que nos emancipa e reveste de carácter inquebrantável? Eu imagino o júbilo em que te alvorotarias. Pois é o presente pascal que te envío, — essa boa nova transfiguradora!»

Foi um dos mais caros motivos da curiosidade incessante de António Sardinha essa revelação de D. Julian Ríbera y Taragó. Sardinha

encontrou no Discurso de entrada do eminentar arabista espanhol na *Real Academia de la Lengua*, a confirmação do que lhe fôra segredado pelo seu finíssimo instinto poético. E sabendo como eu sonhava sob a *fret do fisco*, entusiasmadamente correu a repartir comigo a gostosa notícia.

Nunca mais o abandonou aquele tema. A ele volta sempre que necessita de mostrar a originalidade do genio portugues, a força criadora do lirismo que nos den alma.

Terminava o captiveiro. Eu tornava á casa paterna. E Antonio Sardinha estendia-me os braços, esparzia flôres, para que ainda fosse mais terna a alegria do regresso:

«Meu queridissimo Luis: Eu não queria que te despeças da terra do exílio sem que te despeças das minhas palavras misericórdias a acompanharem-te. Foi uma aleluia que me entrou pela casa adentro a tua carta de hoje. Vae-nos receber de pressa o mesmo sol, a auréola natal engrinaldada-se de giesta e rosmarininho, — d'ouro e roxo, para te receber na magna solennidade das suas cores litúrgicas. Como no psalmo, os montes saltaram de alegria quases carseirinhos retolcando, ham-de estar sem ir ao ninho as aves do Cen nessa hora bendita em que tu tornares. Eu quisera estar lá para te abrir os braços, selar o nosso recontro com demorado aperto de corações. Mas, como se me impossibilita esse lindo desejo com o acontecimento que vae pôr-me a casa num presépio, ao menos espero ter-te contigo no dia em que o morgado se fizer christão. Não vos pude ter ao lado, a ti e ao Alberto, no grande momento em que Deus me ligou à companheira de toda a vida. Ter-vos-ei por direito e por compensação quando a benção do Senhor descer com a aguia Instral por sobre o fruto dum amor recatado. Intimo-te, emprazo-te, não te dispenso.

«Muito te quisera contar ainda. Só te direi que a nossa revista obteve o mais inesperado sucesso. Não se atrevendo a suspeitá-la, a carbonaria interceptou-a nos correios. Não chegou a Lisboa e se eu quis um exemplar teve que o Alberto mandar-mo registado. Não podiam favorecer-nos com reclamo melhor. Agradeço-te as tuas indicações sobre a bibliografia tonística. Vou mandar vir o livro do P.º Berillanges.

«E adeus, meu querido Luis. Santa Maria de Maio virá contigo e eu louvarei ao Senhor pela tua tornada. Cinge-te muito contra o peito o que é teu de toda a alma. Antonio. Monfort, T. C., 26-IV-914»

Lutaramos até aqui com as sombras misteriosas que nos povoavam o espírito; começava agora a aspera batalha, peito a peito, contra a barbara multidão dos escravos da Liberdade!

Luis de Almeida BRAGA

uma carta de

ANTHERO DE FIGUEIREDO

A GRAUÍCO a V. V. penhorando, o consite para colaborar num número especial da «Política», dedicado a António Sardinha, mas sinto não me tivessem dado tempo para, com vulgar, eu escrever desta grande figura que, embora prematuramente desaparecida, deixou obra notabilíssima. De António Sardinha só se pode escrever a correr. Pelo contrário, devemos concentrar a nossa admiração e a nossa devoção para que o que deles dissermos traga o carbo de inteligência que com ele aprendeu a reflectir, e o timbre daquela sua enojo no louvar e rezar as coisas do nosso e religioso Portugal abençoado pelo Sol e sagrado pelas cinco chagas.

Apostolando e cantando era sempre grave o ton da sua fala lascada. Seus ensaios políticos primam pelo desassombro e pelo carácter; vigor e combatibilidade definem-lhe a acção; e, por isso na sua alma de poeta patriota e cristão o sentimento da Saúda, longe de ser um roxo lirio doente, de haste pendida, era, embora triste, uma flor só e crente iluminada pela Esperança. António Sardinha, nacionalista e tradicionalista, foi Grão mestre no prelecionar esta política de amor à nossa pátria, e de fé no seu futuro formoso.

Não podem, pois, deixar de ser muito reflecidas, por mais breves que sejam quaisquer considerações que se façam a seu respeito, porque democraticamente meditou a sua obra este prateado escritor e querido amigo que passara a curta vida a doctrinar e a cantar, num harmonioso desabroamento de sua inteligência perspicaz, do seu pensamento culto e da sua enojo concentrada e bela.

Não tenho tempo de escrever o artigo pedido; mas como me é agradíssimo juntar o meu nome às homenagens prestadas a tal vulto, rogo a V. V. a subida fineza de dizerem, na Revista que redigem, que, neste quinto latoso universário do seu falecimento, em sua associação, com entusiasmo e enternecimento, a tudo que, de preito, e carinho, se vote à memória desse cultíssimo espírito, desse notabilíssimo publicista, dessa alma energica e também desse poeta contemplativo que, diante da Natureza, soltava, num desprendimento expositivo (nas vezes trasbordando os «dóces limites» impostos pela sua intelectualidade) as naturais tertúrias do seu coração Interpretado profundo do sentimento português em seu profundo lirismo. A reiha do seu arado renovador revolveu glebas de poiso e trouxe an de cima, ao sol, o humus fecundo que estavam subacente à terra mãe; e ao sol da sua lira nacional reverdeceram avoengas árvores carcomidas.

António Sardinha servia destarte a sua «ditosa pátria amada» com o que de mais puro havia no seu pensamento alto, com o que de mais belo tinha a sua nobre enojo.

E agora, maior ainda na morte que na vida, sua memória é laç e estímulo nos que o admiraram e amaram, e dos seus ensinamentos aproseguem adversários de algums dia: levando Deus, já por si dá flor muita semente que ele lancos á terra bendita da Pátria!

Pedindo desculpa destas mishas pobres palavras, sou, carasada, etc.

Cadouços, Foz do Douro, 2 de Janeiro de 1930

Antero de FIGUEIREDO

tempos do Verbo

Difícil dizer, numa sede de palavras, a candalosa torrente que Antonio Sardinha foi... Pelo contrário: facilímo! — Na entoação do verbo, simples, visível movimento dos tempos: basta considerar o que Antonio Sardinha é.

Na pátria reconstrução em que trabalhamos, seu Pensamento ficou de pedra e cal. O que a muitos se afigurava aéreas grimpas de fantasia, quantos o foram e vão tomado como sólido material de alicerce!

Mais do que foi, Antonio Sardinha é; mais do que já é, ele há-de ser. — Que maior ação? que maior fortuna? que maior glória?

O Portador de ideias tombou a meia jornada; mas, nem por tamanha desventura, a ideia deixará de chegar ao seu destino, na inicial pureza, da sua essência, na incontestável, esplêndida, nativa e triunfante virtude do seu lusismo.

É-a em ascensão... Torre da boa Promessa, Torre da Saudade e da Esperança, que tão alto subia, (e, agora, por vontade, talvez designio de Deus) também nela deu (ainda para castigo dos homens?) o mal e a confusão de Babel? Desgraça nossa! Porém, além da Fórmula, — suas carnais, fatais, contingências, dúvidas, torções, desvios e marteladas, — o Espírito persiste, integral e eterno. E, ao supremo e inspirador momento, o verbo, Alma de Portugal, fará a Conciliação, pronunciando a sentença justa: a pacificante e redentora Palavra que já anda erguendo luminoso, seguro e divino Vôo por entre as tristes e desgarradas penas dos portugueses. — Assim seja!

Dia de Rei, 1930, Quinta do Belinho — Esposende

Antonio Correia d'OLIVEIRA



INSCRITO NAS PEDRAS, SAGRADAS DE CIVISMO, PORTUGUÊS, DO AQUEDUTO DE ELVAS, O NOME DE ANTONIO SARDINHA FUNDIU-SE PARA SEMPRE NO PRÓPRIO ESPIRITO DE PORTUGAL. E ÉSTE DESTINO HERÓICO DA SUA ALMA, Q A MORTE LHE CONFERIU, TORNOU-A PARA SEMPRE BELA E VIVA.

Antonio Sardinha

Foi condiscípulo e amigo de Antonio Sardinha, seu companheiro numa das últimas gerações académicas que souberam aliar num alto grau, a um fervido culto pelas ideias um forte amor de acção social.

Assisti ao desabrochar naquêle seu espírito de um dos talentos mais formosos e sugestivos que tenho conhecido e à polarização dêsse talento sob as formas mais variadas, desde a poesia, em que foi príncipe, até à crítica literária e histórico-social, em que foi guia brilhante e sedutor de uma mocidade, como élé, ávida de verdade e de regeneração moral.

Como poeta, como prosador elegantíssimo e original, como crítico e ensaista de um invulgar poder de sugestão, que era ao mesmo tempo o éco exterior e sempre vibrante de uma alma nobilíssima, a transbordar de fé, de uma forte e simpática personalidade, a geração de António Sardinha orgulha-se — orgulhamo-nos, justificadamente — de ter tido nélle um dos mais altos valóres da nossa mentalidade académica, que ainda ai está.

E, ao passar mais êste aniversário da morte do companheiro ilustre d'outrora, eu experimento ainda hoje e revivo, com o coração penalizado, o mesmo sentimento que me provocou a notícia brutal do seu desaparecimento, há 5 anos: — a dolorosa saudade do amigo; e a mágoa pela perda irreparável, que sofreu a cultura nacional, d'este combativo intelectual, d'este lutador de ideias, d'este forte agitador de ideias.

A cultura dos povos afere-se pelo número e qualidade d'estes homens, em todos os campos sociais; e o posto deixado vago pela morte de Sardinha, — ai de nós, homens de boa-fé! — não foi ainda ocupado.

Cabral de MONCADA

a propósito da História de Portugal

Se alguma coisa ha profundamente aviada, gofada, como dizia Camillo, é a enorme série de obras que pejam as livrarias com o nome de História de Portugal.

Algumas porque escritas em época antiga, em que a crítica histórica, e o estudo das fontes não merecia dos escritores a consideração que lhes é devida, outros por serem completamente dominados por um espírito de sectarismo que desvirtua os factos, outros finalmente por seguir métodos hoje obsoletos. Quantas vezes conversámos sobre este ponto, o Dr. Sardinha e eu? Quantos pontos de contacto encontrava no seu modo de pensar? E se a sua morte foi o é pranteada pelos amigos e pelos correligionários políticos, en considero-a uma desgraça nacional, por ter desaparecido uma das penas que julgava com maior competência para fazer a revisão da nossa história e dar-nos um livro que substituisse tantos outros que embora de mole e com esplêndidas ilustrações derramadas a êsimo por páginas primorosamente impressas, não correspondem ao ideal dumha história nacional. E vejamos porquê.

Numa crítica dumha obra histórica, que tem valor como documentação, cita o Dr. Sardinha uma definição da história, dada pelo actual pontífice reinante, quando ainda ocupava o lugar de prefeito da Biblioteca Ambrosiana: «Tal como as linhas resultam de pontos, assim os grandes traços históricos dumha época e dum paiz, não nos podem ser dados dumha maneira verídica e eficaz, senão por aqueles que, tendo debaixo da vista uma grande soma de detalhes, saiba fundir esses detalhes numa síntese luminosa e vital, relacionando-os com as causas de que derivam e com as leis que os regulam».

Tendo este conceito da história deante dos olhos podemos percorrer a série de publicações históricas mais ou menos celebrizadas entre nós.

A primeira serie é: género Frei Bernardo de Brito, a histori inventada, certamente com um fim patriótico, mas que não merece ao leitor a confiança que nasce da verdade. Os nossos Chronistas não fizeram assim, foram verídicos, foram realistas, como Fernão Lopes, Gaspar Corruia. Mas mesmo neste género de literatura quantas decadências?...

O Gongorismo trouxe uma pleiade de escritores-panegiristas, modelo Jacinto Freire de Andrade, fabricantes de discursos pomposos, que ainda hoje nos deleitam e quasi entusiasmam, mas que tem o defeito de serem fabricados pelos autores.

Segue-se o obscuru periodo que precedeu e seguiu a Dedução & Chronológica, a maior parte que devassou o campo histórico, acervo de falsidades, bebitas inocentemente pela quasi totalidade da nação, cujos

efetos ainda hoje perduram e são a causa principal da estranha mentalidade mesmo de pessoas que se dizem e são católicas...

O Liberalismo, francamente anti-romano, filho do espírito iconoclasta da revolução francesa, em vez de corrigir os efeitos do pombarilismo, exacerbou-os, produzindo livros cuja análise está suficientemente feita, como a *História de Portugal*, de Pinheiro Chagas, ou os compêndios de desfigurações históricas como o celebre Dr. Minerva, executado desapiedada mas justamente por Manuel Bento de Sousa.

Dois vultos se erguem da triste multidão dos mediocres historiadores: Alexandre Herculano e Oliveira Martins. Aquelle, irritado por polémicas talvez inoportunas, certamente mal encaiminhadas, perdeu a serenidade que distinguiu os seus primeiros livros. Oliveira Martins morreu quando precisamente acabava de se libertar dos preconceitos em que fora educado: na sua auto-formação. Nos nossos dias Gama Barros deixou resultados definitivos, preciosos para o futuro historiador.

E assim continuamos a ouvir repetir o que já se sabia, numa linguagem mais ou menos difusa, imprecisa, tímida, em que os autores parecem terem perdido a originalidade de pensamento, para acumular mais ou menos confusamente documentos e observações que dão aos volumosos livros um aspecto de arquivo mal ordenado, em que o arquivista se tornou sceptico, não sabendo qual a opinião que deve abraçar, inclinando-se muitas vezes a esconder a sua maneira de pensar, por ver escrito ou afirmado o contrário em numerosos autores, que no fundo só discos a repetirem o mesmo original.

Contra esta ordem de coisas ninguém havia mais apto a terçar armas do que o nosso saudoso Dr. Sardinha. Provam-no os artigos profundos e cheios de corsagem em que se faz o trabalho preliminar das Rectificações Históricas necessárias, ilibando personagens caluniados sistematicamente, como D. Fernando I (e em me penitencio por ter ido na corrente dos que nesse só vêem defeitos), D. João VI, D. Miguel, D. Carlota Joaquina, ou destruindo com justiça os nimbus de santidade com que nos foram apresentadas figuras como a de Iguês de Castro, Gomes Freire etc...

Tinha o Dr. Sardinha a preparação necessária para se abalancar a essa revisão da *História Nacional*, tinha elementos já reunidos, tinha livros, tinha colaboradores, que o ajudassem a fazer luz sobre determinados períodos da história, como as origens do Christianismo na terra lusa, tinha ideias claras sobre as origens étnicas da raça, em fim nada lhe faltava para cumprir o que eu julgava e lhe dizia repetidas vezes: a missão de rectificar a *História de Portugal*. Deus não lhe deixou realizar tal missão. Não lhe faltou o márito de a querer executar, a nós é que nos faz falta um livro, que seria o *livro da história nacional*.

Janeiro de 1930.

P. Valério A. CORDEIRO

o estilo de Antonio Sardinha

O estílo de Antonio Sardinha oferecia, a princípio, os seguintes aspectos: muito culto da forma, conceitos engenhosos, bastante rebuscamento de termos, mediano poder substantcial. No verso, era nitidamente parnasiano. Na prosa, acusava muito mais o amor da eufonia e do burilamento precioso do que a precisão, a limpidez, vigor sadio. Quando descriptivo, lembrava facilmente a linguagem dum simples amador. Quando didático, era mais difuso do que sóbrio, mais vago do que definitivo, mais caprichoso do que metódico.

Faltava-lhe a vitalidade magnifica dum ideal superior, e sobreava-lhe a capacidade verbalista que atende mais aos efeitos plásticos do que a pura vibração espiritual.

Faltava-lhe, enfim, a verdadeira originalidade, embora superabundasse n'ele rasgos de novidades formais, audaciosos conceitos, imagens intensamente poéticas, mas sempre de mediano alcance filosófico.

Era um dos muitos estilos que desmentem a definição aristocrática de Buffon, porque na linguagem de A. Sardinha — logo se via — não estava o *homem*, estava a sua vestidura, mais ou menos cuidada e primorosa.

Era, numa palavra, o estílo dum liberalista com acentuado pendor para a arte pela arte. Coenovia menos do que chispava; ensinava muito menos do que distraía. Dava ideia dumha habilidade próxima do bom talento, mas pouco nos dizia dumha consciencia firme e dum senso estético superior.

Conceitos, em vez de ideias. Sensações, em vez de sentimentos. Devaneios, em vez de princípios. Pouca profundez na análise, e leveza excessiva na síntese. Muitos andares, e falta de alicerces sólidos. Muitos vocábulos e poucos termos. Muitas ramagens e poucos, ou nada nitidos, frutos.

Em tudo uma nuvem — ou uma dúvida, ou uma indecisão, ou um simples paradoxo. Ultra-romantismo, embriocado em realismo. Cultura extensa, mas sem a disciplina que dá a intensidade fecunda. Emfim, uma erudição vasta, mas com demasia de superfluidades ou de expedientes decorativos. Numa palavra: um estílo para atraer curiosos, para dar pasto a dilettantismos, quando muito, para demolir sem reconstruir, para incendiar sem iluminar.

Era o estílo da época, estílo que pedia uma fita na lapela, lunetas com

uros d'ouro, sapatos de polimento, corrente com berloques, tropos e enfazes, a alternarem com impossibilidades artísticas, imundadas de neologismos bárbaros e de requintes hiperestéticos, falsos na eclosão e nulos de finalidade.

Mas em tudo isso havia lampejos, que o vulgo não descortinava: anseias do espírito para voar, frémitos do coração para viver livre, crispações dos nervos, para agirem dentro dumha consciência perfeita. Porque não tinham tido êsses impulsos o poder de transformar o vocabulismo em linguagem pura e viva, substancial e limpida? Porque o espírito não encontrara ainda o seu rumo, a orientação filosófica que o satisfizesse, nutrindo-o, iluminando-o, alteando-o. Debalde o coração palpitava. A amargura mental sufocava o verdadeiro sentimento. Debalde a vontade aspirava a uma soberania inconfundível. Os êrros liberalistas traenviam-na, e assim, em vez de haver uma expressão profunda, sentida e criadora, fogacheavam apenas vislumbres da verdade e da boa arte, relâmpagos coesfuos dos temporais que fustigavam uma consciência deformada pelos preconceitos e pelos maus hábitos.

Eu creio que A. Sardinha sofreu muito nesse tempo, porque, por mais despoticas que fossem as ferropeias que lhe oprimiram o espírito, palpitava naquela grande alma um genio libertador e reconstrutor, cheio de angustias, de cruéis auto-análises, e até de desesperos homéricos. E foi decerto este sofrimento — muito mais do que os incidentes dumha inspiração, mais ou menos súbita — quem emancipou o talentoso artista e dêle arrancou o verdadeiro poeta, o verdadeiro pensador, o Mestre.

No dia em que A. Sardinha pôde erguer o espírito acima da letra e o sentimento acima da sensação, avistou superiormente os princípios e logo teve a justa inteligência dos factos. Quem fiz o milagre? Carlos Maurras? Fustel de Coulanges? Saint-Yves d'Alveydre? Dom Besse?

Não, foi a consciencia de António Sardinha, ao procurar uma finalidade nova e lógica, um destino útil e alto, uma sociologia deveras científica, tão eleviadamente humanitaria, que não podia deixar de resultar ardenteamente religiosa, patriótica e sinarquista.

E, encontrado o seu ideal, revigorado embora pelas lições dos grandes tradicionalistas estrangeiros e nacionais, A. Sardinha encontrou o seu verdadeiro estilo, estilo de Apóstolo e de combatente, de pensador e de poeta novo, com raras regressões ao vocabulismo exibicionista, poderoso de vida, de movimento, de paixão, de fé energica, de desafectado e irresistivel sentimento.

O Mestre pelo espírito tornou-se Mestre pela letra. O cinzel obedeceu

á crença. A eufonia subalternizou-se diante da ideia. A sensação disciplinou-se para que o sentimento a purificasse e elevasse e depois a consolidasse. Os nervos obedeceram á fé e á razão, em vés de servirem de tortura e capricho.

Dissiparam-se os circumloquios, as metáforas esforçadas, as ostentações de erudição, cheia apenas de pompa e ruido.

O ego-centrismo evaporou-se e por isso o estilo, rijamente combativo pelas ideias, só de passagem feriu demais os homens, as sombras que passam, as figuras que o tempo converte em simples rugas na face da Humanidade.

O estilo de A. Sardinha agora fica, é preciso sem ser árido, é rico sem ser pletoresco, é elegante sem ser pretencioso, é vernículo sem ser purista, é elevado sem ser gongórico.

Poderá ter deslizes, mas as máculas são logo submersas pelas *fíbulas*. Poderá aqui e ali ser muito onduloso em prejuízo da simplicidade diaética, mas, em geral, admiravelmente equilibrado, imaginoso sem pender para o sofisma, conceituoso sem descambiar na afirmação ou no pedantismo, é um estilo inconfundível na coerção, na cor, na transparência, no poder sugestivo, na intensidade, na graça, na vida.

Vigoroso, mas fidalgo, na ironia, magestoso, mas fluente, no recorte, cheio de nervos e feliz no meio-termo, o estilo de António Sardinha é eminentemente português no tom, na sintaxe, na vernaculidade e, com tudo, nem se turva com arcaísmos nem se apedanta com purismos, nem se enlanguescem pieguices contemplativas nem se brutaliza com impetos de meridional passionismo.

Estilo de ideias e estilo de sentimentos, estilo dum pensador-poeta e dum artista, que é grande sociólogo, grande patriota e grande crente, reflecte a rigor o alto espírito que era A. Sardinha, a princípio tão transviado e falsificado, e depois tão radiosamente livre e tão incomparavelmente fecundo, tão colossal, que excede muito o seu meio e o seu tempo.

José AGOSTINHO

ANTONIO SARDINHA

D ENTRE os inúmeros amigos do malogrado Mestre e animador, fui um dos poucos que o viram a última vez que ele esteve em Lisboa, pelo tempo do Natal. Almoçámos no Borges, onde o achei tão bem disposto, tão vivo, com aquela claridade fluida que ele parecia irradiar quando se expandia, que me custava crer na sua moerte, semanas depois. Não pertencia por afinidades ideológicas à pleiade brilhante que o cercava: tínhamos apenas de consumir a mistica católica considerada por ambos a maior imponhação que deve actuar na obra de renovação moral e social; isso não obstava, porém, a que António Sardinha se me abrisse como a camarada de luta, por febre e exaltamento, por flamejante irrupção desse idealismo em que sua alma vibrava e ardia com fé igual à que tinha em Deus.

Fé religiosa, fé política, eis as duas pétalas do lis perfeito que ele foi; entre elas subia, como em certos motivos góticos, a lança aguda da sua combatividade de paladino d'outras éras. A poucos é dado possuir esta dupla força inspiradora, num mesmo nível e num potencial alto. Assim os ideais manquejam e arrastam, sem vigor que os fortaleça nem afôgo que os erga na ascensão gloriosa do triunfo.

8-1-930

Manuel RIBEIRO

a homenagem de FIDELINO DE FIGUEIREDO

Supponho que não se poderá apontar, em toda a história do pensamento português, outra influência mais profunda sobre a juventude, que a de António Sardinha. Foi verdadeiramente, em certo momento, o teórico da reacção contra o revolucionarismo liberal e da revisão crítica da moderna história nacional. E o seu pensamento, impregnado de paixão e combatividade fez-se corrente política de acção.

Passaram cinco anos sobre a sua morte, sobrevinda quando o seu espírito não percorreria ainda todas as etapas da maturidade plena, da universal sympathia, do próprio exame consciencial. Mas o mundo não se deteve e o horizonte confuso da post-guerra começa a clarear e deixar entrever as características dos novos tempos, que têm já um estylo político próprio, como o artanhaçeus e o foot-ball typisam o gosto estético. E eu pergunto: que destino reservam as circunstâncias da história futura, proxima futura, ao pensamento de António Sardinha? Em qualquer caso elle será bem representativo dum momento da consciencia cívica e attestará um dos mais nobres esforços de interpretação do nosso século XX.

Em mim, perdurará inalterável o respeito do seu talento constructivo, audaciosamente constructivo, em mim que não sou adepto de nenhuma corrente política ou forma de governo e que também me aplico a decifrar o rythmo dos tempos, mas sem a armadura dum sistema, antes à luz discreta dum remanismo impenitente, que impôs sello indelevel aos que o professaram com animo sereno.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1930.

Fidelino de FIGUEIREDO

um episódio

O dia 11 de Dezembro de 1917, a Monarquia publicava uma folha, intitulada *Agudo Lance* em que se exaltava a ação heróica deste guarda-marinha, ao bater-se contra as tropas de Sáenz Peña, no encontro famoso do Largo do Rato. Na mesma edição daquele diário, sob o epígrafe *Em desacordo*, conservava-se que na parada militar do triunfo, desde o Rotundo no Terreiro do Paço, fosse incorporado um grande contingente da Marinha, cujas praças marchavam desarmadas, a chorar de desespero pela derrota e mais ainda pela humilhação a que se viam expostos, ao meio das acusações ao chefe vitorioso.

As duas folhas eram de autoria de Antônio Sardinha.

Estavam-nos a três dias da vitória, para a qual tinham oferecido a vida debaixo do fogo, alguns amigos nossos, militares e civis, menos levidos por impulso idealista do que por bem os mal entendidos deveres de camaradagem e de protesto.

Em tal momento de exaltação, aqueles testemunhos de independência e de coragem, não eram isentos de perigos. Bem o sabia Antônio Sardinha, bem o compreendiam os companheiros a quem ele comunicara a resolução do seu protesto que era o de todos nós.

Por outro lado, semelhante atitude no jornal que mais violentamente combatia as quadrilhas políticas, expulsas do poder pela espada de Sáenz Peña, aparecia inexplicável no fascionismo perfumado do Club Taurônico e an ódio sulariente dos republicanos do Calhariz que a bota de Afonso Costa até ali arredara do governo.

Um destes, médico afamado que esvelbecia pelas esquinas à espera de ser diplomata, com ira e espanto seu dirigiu uma interpelação irônica, no vár-me passar no Chiado nessa tarde de inverno: — Queria que lhe dissesse se a Monarquia ficaria sendo órgão do Partido Democrático, depois que a revolução o afastara do poder.

Respondi eu que, não sendo de minha pena, como ele julgava, as duas folhas escandalosas em que se adstrava a coragem mal empregada de um português e se defendia o brio de marinheiros que por termo ficado vencidos, não mereciam ser ultrajados — com o seu autor ali me solidarizava para qualquer espécie de responsabilidade; e que o jornal a Monarquia só se considerava mais digno de ser órgão do partido democrático do que do partido dele ou dele próprio, porque era contra todos os partidos, como expressão livre da consciência e das convicções de quem o redigia.

E no mesmo instante voltei costas ao ilustre cavalheiro.

Recordando este facto, entre tantos que poderia referir, pretei-o divulga-lo como exemplo da isenção e da generosidade política do nosso querido companheiro morto a quem a levadade crítica dos cafés é capaz ainda agora de cegar de cega violência ou de ódio sectário com adversários, nos quais ele, com tão nobre espontaneidade, reconhecia o valor e a fé sincera.

Hipólito RAPOSO

por terras de Hespanha

...avivava eu ainda há pouco a memória de Antonio Sardinha, em longas caminhadas de planicie e de montanha, de povoação e de desamparo.

A sombra do amigo, que partiu mais cedo, me acompanhava nos lugares que me recordavam passeios communs, Toledo, corte de saudade em magnificencias do passado, o cerro de Los Angeles, vulcão de amor divino iluminando o futuro.

E ao ver em Sevilha o magnífico espectáculo, de rara beleza social, da exibição cultural de todas as nacionalidades que o genio civilizador da Península chamou à existência, eu relembrrei Antonio Sardinha hispanista e fantasiei o que poderia ter hoje de fecundo a sua acção, neste momento histórico de glorificação peninsular; e até o que poderia servir à alta opinião política hespanhola o seu agudo e intemperato criticismo contra certas relutâncias de *ascetopatriotismo*, que em vez de se restringir a servicial escudeiro de um alto ascetismo militante, se revela e quere dictar leis, leis, por certo, constitucionais e parlamentares...

E, assim pensando, a memória do amigo corporisava-se na presença misteriosa do amigo, doce e dolorosa, com toda a complexidade do enigma do seu destino quebrado e o impotente prescrutar nosso do plano divino; ali o sentia presente e eficaz na sua presença, mas presença por detrás das nevoas da morte, presença, porém, talvez mais íntima que as presenças da vida, tão cheia de superficialidade e de equivoco... .

Que pensarias tu nesta volta da estrada social onde nos encoetramos? Qual a formula do teu fecundo ideario neste momento histórico?

Que formas novas encontrarias para dizeres as coisas sempre as mesmas do acto de fé que te fazia o servidor da verdade religiosa, da nacional?

Na predestinação bendita que eu julgo foi a morte de Antonio Sardinha, eu vejo-o na glória da sua alma salva, no Ceu. E é assim que ao avisar a sua memória e ao querê-lo junto a mim como um companheiro, como um guia tanto mais seguro quanto agora juntaria ao seu genio terreno as transcendências da transfiguração de Eleito, a sua sombra me responde de uma maneira que a principio me decepciona, mas que ao depois eu reconheço legítima e salutar.

Aparece-me glorioso, sim, mas também humilde.

Como a ensinar-me que a virtude da humildade não desaparece no Paraíso e que a visão de Deus destroem os próprios sinal do orgulho humano. E, humildemente (mas humildade que eu sinto descer de tão alto) ele me ensina que o culto dos mortos é a própria religião, pois Deus está entre os mortos que são os verdadeiros vivos; e ele, que verdadeiro vivo se tornou pela morte, se é nosso guia, o é com toda a multidão dos Vivos de Deus, com o próprio Deus, um astro entre miríades, desse firmamento do espírito, para que a sua palavra orientou os olhares da sua geração. Sombra luminosa e benéfica, não vem junto de mim testemunhar dum destino trágico, pagamente fatal, mas vem dizer-me que ao partir, deixou Deus connosco e a sua alegria e a esperança de que a paz nos será dada como a homens de boa vontade. Não é dele já que pode vir a voz do comando, ou o conselho animador e luminoso; mas a sua presença toda sobrenatural realiza-se com a humildade de quem partiu, como que voluntariamente, para um mundo onde as mais nobres ilusões se confessam ilusões e deixam na mão de Deus a sua nobreza; e ele mesmo, recusando o comando, nos diz que temos a soberania da nossa vontade, e somos os protagonistas do nosso livre arbítrio e que de nós dependem os sucessos, da nossa boa vontade com a qual, porém, está o Verbo, como está em todas as coisas positivas e boas, com tudo o que verdadeiramente existe.

Como eu o evoqui nessa peregrinação pelos jardins de Espanha e pelos seus desertos, evoquemos todos nós o camarada, o chefe, o amigo que partiu; não lugubriamente, com o sensual pseudo idealismo dos que evocam os mortos, depressivamente, com uma certa e horrível volúpia da morte e do aniquilamento, mas alegremente, cristicamente, como aqueles que acreditam na Vida Eterna e no Anjo de Misericórdia que guarda as suas portas invioláveis.

José Pequita REBELLO

uma carta de ALBERTO DE MONSARAZ

Meus bons amigos:

A USENTI-ME de Paris : as vespertas de Natal e só regressei no dia de Ano Bom.

A vossa carta aguardava-me na *Fiat*, mas encontrámo-nos hora de horas e, por isso, a resposta não é a que deveria ser.
Desculpem-me esta falta involuntária.

A vossa homenagem a Antonio Sardinha — à qual sem este contratempo, tanto gostaria de haver-me associado — é da mais indiscutível oportunidade. Impunha-se neste momento em que, por hora nossa, vemos levantar-se, ao lado da descrebrada mocidade hespanhola, uma geração admirável de portugueses, cheia de fô e daquela poderosa energia ideológica que vence todos os obstáculos e garante todos os triunfos.

Foi Antonio Sardinha que encarnava o remorso da nossa Historia, o grande galvanizador dessa juventude, consciente dos erros cometidos e da necessidade de repará-los, sacrificando-se. Portugal desperta da sua triste agonia por tê-lo ouvido tocar a rebata. Que prodigioso carrilhão!

A Hespanha vai conhecer uma nova época de anarquia, visto querer regressar aos meados do século xix quasi em meados do século xx?

Sejamos fortes e será possível então — de novo árbitros da Península como antes de Toro — essa aliança peninsular que Antonio Sardinha visionou.

Espero em breve poder regressar ao «bom combate».

Estreita-vos apertadamente ao coração o vosso muito amigo. etc.

Alberto de MONSARAZ

uma "plataforma"

SABE-SE o que é uma «plataforma». Ha disso nos eléctricos e... na política! Nos eléctricos, é um pequeno recinto onde, de pé, gente da mais variada condição, estatura e peso, se comprime e acotovela, enquanto não ha... «longas sentadas».

Na política, por analogia, vem a ser... a mesma coisa: uma combinação, um arranjo, um pacto, dentro do qual se arrumam as mais diversas tendências, mentalidades e aspirações, em rancorosa fraternidade, enquanto não se conquista o Poder.

Desde o malogro de célebre Pacto de Paris — uma plataforma! — têm sido tantas as tentativas do gênero junto de Integralismo Lusitano para a chamada união da Causa Monárquica, que não ha memória capaz de as recordar todas e muito menos de as enfiar na sua ordem cronológica! Para dar prova de longanimidade, exercitar a paciência e tolher o passo a intrigistas e maledicentes, a Junta Central acolheu sempre as «plataformas» com uma urbanidade tão perfeita, quanto perfeita foi sempre a sua convicção sobre a inutilidade dos esforços nelas empinhados.

António Sardinha detestava profundamente essa espécie de *sport* da ociosidade política.

Não podia ouvir falar de «plataformas» nem de «plataformicos» — como ele chamava aos inventores e proponentes de fórmulas de entendimento entre o liberalismo decrepito e o nacionalismo juvenil. Duma vez, porém, — aqui o registo para a História, — António Sardinha, num momento de bom humor, quiz prostrar-se a negociar uma *plataforma*!

Foi-nos feita a proposta por um titilar, herdeiro de um nome ilustre na bibliografia integralista. Oferecia gentilmente a sua casa para a entrevista.

A's 5 horas da tarde, de certo dia, aguardar-nos-hia ali o representante do Sr. D. Manuel de Bragança.

Como plenipotenciários do Integralismo, fomos os dois — António Sardinha e eu.

Pelo caminho, na expectativa de uma discussão de princípios, de uma, porventura interessante,争辩 de ideias, qualquer de nós engatilhava os seus argumentos, dispensava as teorias em linha de batalha, para, ao primeiro embate, esmagar o homem. E, de duas uma: ou ele se rendia e aceitava como base da «plataforma» a Verdade política por nós proclamada e defendida, ou nada feito!

Chegámos às 5 horas precisas. O alto representante de Sua Magestade tinha-nos precedido uns minutos. Após os cumprimentos, com a maior decisão, foi direto ao fim, o seu fim, que era muito simples:

«conseguir a união de todos os monárquicos, custasse o que custasse, para derrubar a república. Em seu entender, mesmo, a queda da república resultaria lógicamente, fatalmente e automaticamente d'aquela união. Apelava portanto...»

— Tudo depende — entendi em observar — de uma definição de princípios...

— Perdão? — volven-me com nervosismo o nosso interlocutor — Nada de princípios, nada de ideias, nada de doutrinas. União pura e simples de todos os monárquicos, sincera, verdadeira, guardando cada um para si o seu modo de pensar, *as suas* pontos de vista particulares, e a república não sobrevive tres meses, um mês, quinze dias!

Sorprexo, apelei com o olhar para o meu companheiro, o autor do «*Do Princípio era o Verbo*» (... «confessar o Verbo ao princípio de todas as coisas, é confessar o Espírito dirigindo o Mundo, é confessar a inteligência encaminhando a ação!») cedendo-lhe a honra do combate no momento em que, mais do que a mim, a ele cabia, na certeza de o ver explodir, espatiando o adversário, que assim tratava com tal desprezo a inteligência, o Espírito!

Nova surpresa, porém, para quem como eu conhecias o temperamento do querido camarada e Mestre!

Imperturbável, António Sardinha, agitou na órbita o monocólio e retrorquin-me, muito manso: — Deixe ouvir!

Fortalecido por este interesse, o alto representante de S. M. iniciou o desenvolvimento da sua tese: — Idiáis só servem para dividir, doutrinas só servem para complicar. O país não pode esperar num acordo de ideias, Juntemo-nos todos, derrubemos a república e depois se verá! Matemos primeiro o urso... etc., etc.

Durante o discurso que foi enorme, varias vezes tentei intervir. Sardinha, cada vez mais calmo, mais sério, mais atento, continha-me com um gesto e com as mesmas palavras: — Deixe ouvir!

Ouvir, ouvimos, eu cada vez mais impaciente, Sardinha cada vez mais sereno!

O orador terminou por um apelo caloroso ao nosso patriotismo e à nossa fé monárquica.

Tendo terminado, ergnemo-nos para nos despedirmos, eu sem dizer palavra, morto por me ver na rua: António Sardinha — estou a vê-lo! — para dizer, com o ar mais conselheiral deste mundo: — Ouvi V. Ex.^a com toda a atenção e com o maior prazer. Vamos ver o que é possível fazer-se. Com o maior interesse e boa vontade vamos conferenciar com os nossos amigos. Depois daremos uma resposta a V. Ex.^a. Sempre ao seu dispor.

E, já na rua, tomardo-me o braço: é isto, meu caro. São almas de outro-mundo!

Lisboa, 10 de Janeiro de 1930.

Afonso LUCAS

algumas palavras sobre

ANTONIO SARDINHA

Não me é possível associar-me como queria à bela homenagem prestada hoje, aqui, a Antonio Sardinha. Recebi demasiado tarde, já nos fins de Dezembro, ao regressar do Extrangeiro, o atencioso convite dos directores da «*Política*». Nunca me negaria, no entanto, a prestar mais uma vez a homenagem da minha saudade ao grande paladino das ideias tradicionalistas. Tive o feito, quasi todos os anos, desde 1925, nos varios jornais e revistas onde colaborei. Como faltaria, pois, este ano?

Vejo-me, porém, obrigado a contribuir apenas com alguns descolados lugares-comuns para o numero especial desta revista. Lugar-comuns que só tem o valor de serem escritos de todo o coração — e com o fim de levar, além fronteiras, uma justa, embora resumida, imagem de Antonio Sardinha.

Nos principios d'este ano, pediram-me um volume para uma coleção portuguesa que se está lançando em Madrid. Esse volume devia dar uma síntese expressiva da historia, do desenvolvimento, dos valores culminantes do Nacionalismo Português. Recorri, dessas páginas ainda inéditas, o rápido perfil de Antonio Sardinha que tracoi para o público espanhol.

Depois de citar a lista numerosa e admirável dos grandes mestres da nossa Contra-Revolução durante o absurdo século XIX, chego enfim ao instante decisivo da proclamação da república. Transcrevo agora essa passagem do capítulo inicial do «*Nacionalismo Português*»:

«A obra demolidora e anti-nacional da Carta de 1826 mascarava-se ainda com os prestígios da Realeza. E, embora muitos soubessem compreender que essa Carta, feita por brasileiros sobre modelos ingleses e franceses, era a negação das leis primaciais do organismo português, que ela era a verdadeira *Cáixa de Pandora*, como lhe chamaria Oliveira Martins — a maiorin deixava-se embalar pela falsa apariência de segurança e prosperidade que as iniciativas de fomento lhe ofereciam. E as-

sim se foi deslizando, num insensível fatalismo, para a república democrática — instaurada em 1910 sobre a decomposição lamentável dum frágil «monarquia sem monarquicos...».

Travessou-se, então, um período terrível de perseguições, de vinganças e de rapinas. As quadrilhas demagógicas punham o país a saque. Obedecendo às direcções da Maçonaria, agrediam especialmente a Igreja Católica e a nossa religião tradicional; expulsavam as Ordens Religiosas, exiliando ou assassinando sacerdotes, e assim completavam o ciclo aberto pela impiedade dos homens de 1908; mostravam-se, em resumo, os adversários naturais de tudo o que significava a essência da vida nacional e da sua expressão histórica.

Evidentemente, ao assalto das quadrilhas, respondeu a espontânea reacção da consciência portuguesa. Primeiro, através das heroicas mas fracassadas tentativas de Henrique de Paiva Condeiro, paladino militar da Monarquia, lendária figura que recorda um Condestável medieval isolado entre os pigmeus do nosso tempo; e, depois, através da cruzada intelectual dos reacionários das gerações novas. Foi em 1915 que se ouviu o primeiro toque a rebato, nas conferências da Liga Naval, realizadas pelos fundadores da «Nação Portuguesa», primeiro órgão do Integralismo Lusitano. Essas conferências foram reunidas no volume *A Questão Ibérica*, e nela encontramos os protagonistas dominantes da nossa moderna *Contra-Revolução*.

Iniciemos a lista por António Sardinha, o mais ardoroso condutor do Integralismo Lusitano, cuja obra magnífica é bem conhecida: obra de revisão e reparação histórica; obra de definição e actualização doutrinária; obra de devoção nacionalista na crítica das letras e nos seus próprios volumes de poemas. António Sardinha emendou, com um fervor de justiciero, alguns dos erros criminosos com que os pseudo-historiadores liberais tinham encoberto a fisionomia dos nossos Reis. Proclamou, ao mesmo tempo, as verdades da doutrina monárquica, consagrada entre nós por uma experiência e uma grandiosa de séculos. Desde os incícios e reconfortantes capítulos do «Falso da Raça», a trajectória do seu esforço não mais se quebrou ou afrouxou. Iniciada a publicação do diário «A Minorquia», sob a inteligente direcção de Alberto Moniz, a colaboração assídua de António Sardinha foi a notável revelação dum grande escritor político e dum historiador de erudição inegotável. E' dessa colaboração que se formaram, mais tarde, os seus livros mais significativos: «Ao princípio era o Verbo», «Ao ritmo da amapulhetas», «Na Feira dos Mítoses», «A sombra das portas», «Da hera nas colunas». «Na Aliança Peninsular», António Sardinha defendeu a hipótese dum não-iberismo que restituísse a Portugal o seu império cristão e civilizador. O longo prefácio que escreveu para a edição da «História e Teoria das cortes gerais», é um monumento de cultura e de análise reconstructiva. Além disto, é justo não esquecer o Poeta, tão cheio de amoroso transporte pelos motivos líricos da raça: o Poeta de «A Epopéia da Plasídias».

de «Quando as nascentes despertam», de «Na Corte da Saudade», da «Chuva da Tarde». Morto prematuramente, na plenitude da sua maturação intelectual, António Sardinha deixou vago um lugar que ninguém ocupará. Esse lugar é, sobretudo, o dum combatente exaltado, comunicativo, que nos legou os mais vibrantes apelos, os mais estimulantes brados de confiança no futuro da pátria, que os portuguêses do Renascimento saberão erguer, de acôrdo com as leis da sua vitalidade eterna.»

Que posso acrescentar a isto? Unicamente uma breve reflexão. Em França, num dos aniversários do desaparecimento de Barrés (alto animador nacionalista), um literato pretencioso declarou: «Barrés s'éloigne», querendo assim anunciar o cegueiro da influência do Mestre nobilíssimo. Agora mesmo, leio na *Revue Universelle*, a afirmação categórica de Henri Massis no sentido oposto: «Barrés se rapproche...».

O mesmo poderemos dizer da influência, da memória, do exemplo de António Sardinha. Também o vemos, cada dia mais, aproximar-se, marchar comâmodo, unir-se à nossa campanha infatigável. E quem não sentirá ao lér o terço inflamado da «Epopeia da Pátricia»:

... O' Deus de Ourique, cumpre o prometido!
Leva-nos contra os novos invasores,
— nós somos livres, livre é o nosso Rey!

... quem não sentirá como esse grito de comando, lançado, no fragor da luta, aos legionários do Resgate, é cheio de contagiosa fô, e nos acompanha, de além-mundo, no alegre alvoroco da batalha?!

Casa da Fonte, no Ansel
Último dia de Decembro
1929

Jodo AMEAL

o caracter do Mestre

ASSOLUTAMENTE afastado do jornalismo e da política por resolução que tornei pública e mantenho, com o que, diga-se de passagem, nada se tem perdido, bem dispensado me julgava de aceder ao gentil convite desta revista, se da memória de Antônio Sardinha se não tratasse.

Como já escrevi sobre a política e a literatura do Mestre sandoso, e outros mais autorizados delas vão hoje falar, deixo aqui estas linhas em que exalto o seu caráter.

Um dos erros inerentes a todos os régimes é a mistura de mística religiosidade com que os seus corifeus, sincera ou calculadamente, os canonizam, para que aos olhos de todos tais régimes pareçam impecáveis.

Ora este erro converte-se em fetichismo quando no ideal político se querer ver uma graça imanescente que santifica os partidários, mal aceite a sua filiação. A política ganha assim um poder que nem os sacramentos tem, porque enquanto nenhuma a graça se perde, pela infração dos mandamentos, na política bastou a filiação para que a *santificação* se mantenha.

Lembremos apenas três frases que explicam esta afirmação:

«Onde está um republicano está um homem de bem.»

«Onde está um integralista está um homem inteligente.»

«Onde está um talassa, está um homem bem educado.»

Se numá bolsa, metessemos, em caracteres de chumbo, as letras que compõem estes três princípios, baralhando-as, e as tirassemos de lá uma a uma, a olhos fechados, para as dispormos seguidas, à medida que elas fossem saindo, teríamos um rosário de signais gráficos que, em lucidez e justiça, não ficaria inferior às frases citadas. Quando este *fetichismo* de

cabeça se instala num arraial político, entrou nele a peste. As tropas asum estião, à maneira dos fariseus, nas costas nos braços e na fronte, tiras de papiro com os princípios, que lhe não penetram o carácter e a muitos deles nem sequer a cabeça.

Creio que é isto que os políticos indignos de todas as cores chamam salvar os princípios, e como a graça do seu partido é mais forte que a dos outros, permitem-se os desvarios que não toleram nos adversários.

Eles são preguiçosos, ciaicos amam o dinheiro e a crápula, podem mesmo ter refinados os defeitos dos contrários, que lá está a graça imamente a cobri-los de santidade.

Ha gente desta em todos os regimens, mas onde eles são hilariantes é nos sistemas políticos que pretendem temperar o carácter nos mandamentos da Igreja.

Ora todos os que conviveram com António Sardinha e dele receberam as suas cartas e as suas lições, notaram a sua apreensão — apreensão que era aliás a de muitos integralistas categorizados, de livrar o seu campo da peste, tanto quanto era possível isentá-lo.

Sendo a graça divina um dom que Deus dá a quem escolhe, António Sardinha como católico fervoroso, vindo dos arraiais anarquistas, não exigia sequer certidão de baptismo, não pretendia uma teoria de monges apertados em celícios, mas á sua alma de cavaleiro, repugnava-lhe a visão de uma política em que os seus partidários fossem nos costumes como certos homens de política a combater.

Sobretudo apavorava-o, a carta de talento que em Portugal se dava a toda a gente, e a facilidade com que até certos talentos portugueses se deixavam minar pela peste...

Não sendo minha intenção mostrar hoje até que ponto António Sardinha e os seus companheiros conseguiram livrar o seu campo do morbus que a todos os campos políticos infectava; foquemos aqui essa joia do carácter, a única que pode ser engastada no talento.

Nenhuma cabeça mais alta, na geração moderna, nenhum outro que mais pudesse sentir a natural vaidade do predomínio e do mando, e, no entanto, como ele sabia abater-se e ser humilde!

Quantos factos, quantas lições de carácter eu podia aqui citar se não envolvesse desprazer para outros.

Cito apenas um, porque as almas dos personagens são iguais.

Ninguém, porém, me pergunte pormenores que não respondo.

Mal informado, um dia, Sardinha manda do exílio a Hipólito Ra-

— posso uma carta tremenda, gravíssima, sobre uma determinada resolução. Hipólito Raposo que tem cabeça de brilhante e punho de aço, responde a Sardinha de maneira lial, mas também tão dura, tão nobre e intransigente que, por momentos, se tremem!

Foram horas amargas! O que faria o Sardinha?... — pensava-se. A resposta veio pelo telégrafo: a alma prodigiosa de Antônio Sardinha vira o erro num relâmpago, e pelo telégrafo — pelo telégrafo! — pedia perdão!

E Hipólito Raposo em frente daquele telegrama — ele que é o único temperamento de ditador que conheço ficou para ali, como se fosse um vencido, perante aquela humildade cristianíssima de Antônio Sardinha que tanto o exaltou!

Quando um dia se fizer a história do Integralismo, se verá que ele nunca podia ser o que foi, sem estes dois homens de grande valor: Sardinha e Hipólito.

Outros houve, é certo, que por formosos talentos e sacrifícios completaram a sua acção, e nem aqui os quero diminuir, mas apenas lembra-los, ao morto e ao vivo neste abraço de saudade, por tempos em que juntos andámos na defesa de uma ideia. Não me arrependo dos serviços que lhe dei, nesses bons tempos em que os cavaleiros tinham no peito límpidas coarças onde viam, claramente, o que éramos, o que pensavamos, o que sentíamos. Ainda hoje, nesta serra onde vivo como pastor das letras, quando o frio é maior e deito, como agora, no fume uma acha, estendo para a chama as milhares saudosas, a lembrar-me daqueles bons companheiros, vivos e mortos, cujas vidas são uma prova mobilitante de que as ideias só frutificam e valem quando os que as servem temem carácter.

Nuno de MONTEMÓR

problemas etnicos

as origens portuguesas em Antonio Sardinha

ENTR os problemas ensaiados por Antonio Sardinha sobressai um dos que mais fundamentalmente o preocuparam na sua tentativa de rectificação histórica: as origens da raça portuguesa, e com elas a formação da unidade portuguesa.

Desde o enciclopedismo romântico do sec. XIX fez moda em mania a rebusca das origens. Poderíamos hoje, com a multiplicidade progressiva das teorias, formar album curioso que demonstrasse a fantasia humana; é caso de aplicar a o te labor intensivo de pseudo-ciência o aforismo popular: — de um arguero um coelheiro.

Isto fez dizer ao Professor Mendes Corrêa, honestamente: «a despeito de um grande pecúlio d'acquisições feitas, o problema, longe de se ter resolvido, parece mesmo por vezes ter-se complicado. (*Homo, os modernos estudos sobre a origem do homem*, Coimbra 1921, p. 297)

As origens da raça portuguesa, como todas as origens que o método evolucionista procura desvendar, tenta os investigadores. Uns, como Teófilo Braga, quizeram interpretar a seu bel-prazer influências centrifugas de um núcleo ocidental, em sentido N. — E. e S.; era o tipo nacional a que Teófilo chamou *lusitano*: «que através de séculos de luta não pode confundir-se com o ibérico imperialista absorvente, apoiando-se sempre na associação local ou no municipalismo». Para ele «o *lusitano* reflecte-se nas tradições poéticas das Astúrias, da Estremadura e da Andaluzia, desde tempos quasi immemoráveis separadas arbitrariamente da Lusitânia desmembrada pelos Romanos» (*História da Poesia Popular Portuguesa*, «Prefácio», VI).

A propósito, Meneudez Pidal observa que «no mapa linguístico da Espanha do sec. XIII em desnte os dois extremos dialectais ou sejam o leonês e o português a O. e o castilho e o aragonês a E. estão absolutamente isolados pelo castelhano que se dilata de N.-a-S. entre os dois grupos; mas antigamente, eles ligavam-se pelo Sul em Toledo e na Andaluzia, e aproximavam-se mais pelo Norte».

No campo da geografia, da arqueologia e da antropologia, depois de muitas hipóteses, muitos tentares, dos que ao problema geral Mendes Corrêa diz terem dado «largas a múltiplas especulações e a hipóteses das mais contraditórias» (op. cit. 296), conta a nossa bibliografia científica, e digamos das origens nacionais, com *Os Poetas Primitivos da Lusitânia* do mesmo Prof. catedrático do Porto; Mendes Corrêa (Porto

1928), e *Oos Celtos e povos com lhes relacionados* do Prof. licinal Alfredo Dias Pinheiro (Guimarães 1928, sobretudo da pag. 367 em diante).

O problema tentou António Sardinha, em *O calor da Boa* (Lisboa 1915), que apresentou por tese de concurso à cadeira de História na Faculdade de Letras de Lisboa. Este livro porém ressentiu-se da precipitação com que foi feito, muitas vezes António Sardinha se me queixou. Afirma erudição, inteligência viva, apreensão fácil, arquitectura brilhante; mas, se é livro de formação nacionalista (ele próprio o subtítulo da «Introdução a uma campanha nacional»), e por isso digno de ser lido, não é por essas qualidades e virtudes próprias que fica sendo monumento de certa ciencia.

Se se tivesse fixado nos capítulos *O gênio ocidental* e *O espírito da Atlântida*, não como construção científica mas como quadro expositivo das nebulosidades lendárias do ocidente, — e se tivesse expurgado no capítulo da Teoria da Nacionalidade as ligações que considera íntimas entre o português e o Homem Atlântico que no baixo vale do Tejo constitui o «abedro» aborigene da população portuguesa, interpretando interpretáveis, — parece-me que o livro não perderia por isso interesse histórico, e teria ficado mais harmônico, mais atinente à intenção matriz. Assim, obra notável na bibliografia portuguesa da matéria, restam mais uma tentativa de interpretação, aliás a primeira entre nós, em que se procurou relacionar o português com os primitivos habitantes do que Mendes Corrêa chamou «O velho solar Iuxiteno» (*Os Povos primitivos...* pag. 5 - cap. II).

Mais à vontade se sente nos problemas de interpretação histórica da formação da nacionalidade. A vasta cultura histórica, o fácil e brilhante poder de exposição, iluminam-lhe o caminho à esplendida intuição que ele tinha para os problemas históricos, dentro dos quais se servia, como o matemático dentro das relações algébricas, de todo o material convergente desde o étnico demonstrado e do arqueológico averiguado ao linguístico, poético e documental.

Um exemplo. No ensaio *O Sul contra o Norte*, inserto em o livro *A' Sombra dos Párticos*, (Lisboa 1927), insurge-se contra o dualismo português que vários AA. têm afirmado entre o Norte e o Sul de Portugal. Soube aproveitar-se de todos os conhecimentos da ciencia moderna para provar a unidade nacional dos portugueses.

Estas *extremos erudições*, ele assim lhes chamou (p. 13), tomaram aspectos diferentes: — autogenesmo étnico em Oliveira Martins, Basílio Teles, Alberto Sampaio e Teófilo Braga; — autogenesmo geográfico, do litoral contra o centro, da montanha (Norte do país) e da planície (Sul) de Basílio Teles, afinal modalidade étnológica se, como no caso, tem por base diferenciação étnica ou caracterização social procedente do meio geográfico; — autogenesmo militar, quando Alberto Sampaio considera o Sul do país como produto simples da conquista do Norte, que se impôs às populações a Sul do Vouga; — autogenesmo linguístico a

«*estagismo social*, derivantes do primeiro e segundo antagonismos mencionados, sobretudo vincado em Basílio Teles, para quem o Norte era a «*celta autoctone da Pátria*», rural, dado aos mestres e entregue ao comércio normal, e o Sul «*carabizado e mercantilista*», desequilibrado entre a produção, o consumo, e o transporte, vício púnico da mobilidade comercial.

Em oposição a este dualismo, Sardinha que não via através da nossa história o antagonismo medieval de Trezentos-Quartocentos com o séc. de Quinhentos aquém, como queriam Basílio Teles (para ele o predominio medieval do Norte foi batido pelo do Sul, mercantilista, período este em que «Portugal é um balcão») e Oliveira Martins (no séc. XV-XVI dominou o carácter púnico da corte manuelina, em sua hipótese), baseia-se nos depoimentos de António Fernández e Giménez Soler, de Rocha Peixoto e Martins Sarmento, para negar o semitismo dos Berberes. Para não alargar demasiado estas notas, não menciono as conclusões idênticas a que têm chegado os investigadores que identificam arqueológicas, antropológicas e glotologicamente Berberes e Iberos, sem afinidades púnicas (Otto Meltzer).

A unidade afirmada por Martins Sarmento, que vé, após a expulsão dos Árabes, «*surgir desde o extremo do Algarve até o extremo da Galiza um povo uno, com o mesmo modo de sentir e de pensar, com a mesma língua*. (*Ora Marítima*, 2.ª ed. p. 161) renasce a unidade da língua que «*as populações cristãs do Sul do que veio a ser Portugal, falaram já, antes da reconquista do séc. XII, a mesma que as do Norte*», na demonstração de Adolfo Coelho nas *Origens do português do Sul*.

Depois, a unidade de fé nas populações, sob o impulso activo e vivificador do cristianismo, ligada à unidade de língua (A. Coelho), à uniformidade lírica (Ribera y Tarragó) que exprime unidade de sentimento entre o Norte e o Sul não indicam a unidade de raça? O mesmo fragmentarismo dos pequenos reinos, principados e valaiatos do sul, manifesta pelo seu espírito de rebeldia contra o domínio árabe e a hostilidade das raças, que veio dar como resultado a relativa facilidade da reconquista do Sul, a qual compreendemos melhor por factos de ordem etno-religiosa já citados: 1.º parentesco ibero-berber; 2.º oposição árabe berber; 3.º unidade de raça, impulsuada nos elementos berberes pela hostilidade original contra o árabe, e nos elementos mesóárabes pela religião, pela língua, pelas tradições comuns aos cristãos do Norte, libertos já do jugo estrangeiro.

Referindo-me ainda ao antagonismo denunciado pela conquista do Norte sobre o Sul (A. Sampaio), António Sardinha reconhece a conquista a que logicamente chama «libertação», mas por isso mesmo rejeita a explicação dessa conquista, baseada no dualismo do Norte cristão e do Sul mussulmano.

De Alexandre Herculano em diante no campo histórico, e nas investigações arqueológicas (monumentais, antropológicas, etnológicas,

linguísticas, literárias, artísticas), iberistas e arabistas, tanto peninsulares como transpirennicos, convergem na prova da superficial influência semítica, e na força da unidade única das populações periféricas à meseta castelhana (confrontar Menéndez y Pidal, e Teófilo, no que fica dito), um grupo a O. sobre o Atlântico, outro a E. para o Mediterrâneo, com maior força coesiva e primeiro e mais liberto de influências extra-peninsulares. Foi a esta afinidade do Ocidente que Teófilo chamou *Europa*.

«Para o caso português, — diz ele, — a determinação do nacionalismo é a revelação de uma força latente, que, desde que se torne consciente, será um impulso de progresso e de energias» (*Hist. da Poesia Pop.*, p. VIII). E' a confirmação do pensamento de António Sardinha, num espírito tão oposto na apariência.

Nada de língua d'oce a um lado e língua d'oil a outro; nada de godos ao Norte e pálicos ou muçulmanos ao Sul; nada de exclusivo ruralismo contra exclusivo mercantilismo; nada de conquistadores e conquistados; nada pois de guerra permanente entre o Norte e o Sul. Diferenças mesológicas, oscilações antropológicas evidentemente absorvidas, não constituem antagonismos que quebrem ou fragmentem a unidade nacional. «Há na sua bela homogeneidade moral e social o Portugal de nós todos», (p. 55) na conclusão vitoriosa de António Sardinha.

Se, á parte a investigação e interpretação dos factos, queria António Sardinha servir a sua nação, conseguiu-o, porque a demonstração da unidade nacional é um bom serviço prestado. O nacionalista deve servir a nação, e ele serviu-a, provando a unanimidade dos que a proclamaram dual e divisa e ele proclamou sua e indivisa.

Luis CHAVES

ANTONIO SARDINHA

ESTE verão, numa passagem pelo Alemtejo a caminho da fronteira, à vista de Monforte, recordei ao Dr. Francisco Alvim, medico em Alter do Chão, a figura de Antonio Sardinha e elle commentou simplesmente: *foi o maior talento da noiva geração!* O meu amigo enunciou uma grande verdade. Aquelle que a fatalidade nos roubou tão cedo, era a unica pessoa capaz de fazer entre nós a reconstituição da Historia de Portugal, toda ella malsinada pelos chamados liberaes, conspurcada pelas paixões ruins dos que a tem pretendido fazer do constitucionalismo para cá...

A partida de D. João VI para o Brazil, com o significado politico hoje geralmente aceite, foi historiada por Antonio Sardinha no parlamento e reehida quasi com apupos pela massa anónima dos deputados que tinham na cabeça as teias de aranha ouvidas aos mestres-escolas, e nunca haviam pensado em as arejar. Antonio Sardinha não mais pensou em fazer erudição historica, no antro da fallacia, onde, havia muitos annos, não crepitára o fulgor duma idea. Sentiu-se então chocado e aborrecido, embora vise com justez a inhabilidade de vistas-curtas da politicagem.

O pensamento contra-revolucionario que agita a Europa, foi por elle sentido e proclamado com notavel anticipação e defendido com uma fé de illuminado em toda a sua obra, vasta e riquissima para um escriptor morto antes dos 40 annos. Trabalhou, trabalhou sempre em prol das suas doutrinas anti-parlamentaristas, com denodo e afínco, com preparação e talento.

Nos ocios forçados duns três dias de cama para onde um pequeno desastre me atirou, eu reli agora o seu prefacio á *História das Cortes Gerais* do Visconde de Santarem. Como esta leitura seria util aos portugueses que vão além da soletração das folhas diarias! É um monumento de philosophia politica e social, com uma agudeza de critica que esclarece e um poder de penetração admirável.

Foi bem, apesar de novo, mestre do pensamento contra-revolucionario, prosador e Poeta de raros merecimentos. A sua obra, quer sob o ponto de vista politico, quer sob os aspectos litterarios, é uma notavel afirmação de trabalho honesto e de brilhante talento.

Mais um anno passa sobre a sua morte, outros passarão ainda, sem que o querido companheiro da luta seja esquecido. E as modernas gerações que o forem lendo como a um mestre, não deixarão tambem de recordá-lo.

Manoel CABRAL

gloria a ANTONIO SARDINHA

VOU, há dias, procurar-me um nosso amigo, novel e distinto escultor, Américo Braga, para me pedir fotografias de Antonio Sardinha. Quere fazer um busto do grande doutrinário, que apresentará numa exposição de novos.

Diante deste caso, fiquei a meditar na bela sementeira que já colhemos desde que Antonio Sardinha e os seus companheiros lançaram à terra a boa semente. As nossas ideias têm já tão fundos alicerces que é impossível que os adversários delas possam evitar o seu triunfo completo. Estão hoje difundidas por todos os sectores da vida nacional. São escultores, são poetas, são arqueólogos, médicos, homens de leis, literatos, músicos, engenheiros, comerciantes, industriais, operários, tudo, enfim, que representa, em Portugal, uma parcela de actividades... Os integralistas, que têm a consciência da verdade das suas doutrinas políticas e do grande papel que hão-de desempenhar na história da Nação, contam-se hoje por milhares, espalhados por todo o país.

Esta obra notável deve-se, em grande parte, ao esforço de Antonio Sardinha. Por isso a sua memória ha-de perdurar sempre. Os actuais detentores do poder bolchevists mandaram colocar o busto de Lénine em todos os cantos da Rússia. Nós, quando governarmos, devemos fazer o mesmo a Antonio Sardinha. E quem sabe? — talvez o busto que Américo Braga tão carinhosamente está a cincelar seja, de futuro, o modelo que venhamos a adoptar. Américo Braga deve pensar nisto; eu sou daqueles que esperam que das suas mãos saia qualquer coisa de bom, de digno do grande chefe que perdemos há seis anos.

Escultores, poetas, músicos, homens de letras e homens de ciência... Que magnífico caminho andado! Glória a Antonio Sardinha, o incomparável guia de tão grande obra!

Mario CARDIA

(da Junta Provincial do Duoro do I. L.)

a maior dôr duma Geração

TBLACKJO estas linhas numa manhã tão fria e bela de Janeiro como aquela em que o jornal me trouxe a notícia brutalíssima da morte de Antonio Sardinha.

Se então a dôr se materializou em lágrimas, volvidos anos que não têm poder no mundo das recordações, a saudade deixou numa tal ressonância nos que de longe ou de perto seguiram e acompanharam o seu esforço, que, evocar a sua memória, é, até certo ponto, despertar uma parte amargurada de nós próprios.

Os mortos não vão depressa, como o disse um escritor. Que importa que, sobre os seus túmulos, sequem as flores, as pedras se fendam, os sufoquem as hervas bravias, se na insensibilidade dos corações ficou a semente benéfica que as virtudes dos desaparecidos ali depuseram.

E a memória de Antonio Sardinha, o grande poeta nacionalista, do amor da terra e das coisas simples, o artista que modelou as suas obras ao calor dum grande coração de português, é, ainda hoje, quem comanda as legiões dos novos que, no seu exemplo, buscam o meio de se tornarem melhores e, por eles, Portugal em que nasceram.

Não abundam no mundo, tantos espíritos superiores que se substituam facilmente e, Antonio Sardinha pertencia ao escol e à aristocracia dos mais altos espíritos que edificam solidamente para a posteridade.

Quando se compara a sua fé viva, a sua devoção patriótica o seu sacrifício dado de boa vontade com a apagada e vil tristeza dum sociedade misera e falha de estímulos morais, vendendo-se por um prato de lentilhas, nós compreendemos bem porque Portugal ficou mais pobre quando a alma gentil de Antonio Sardinha, sacudindo o pó transitorio, se acolheu no seio de Deus.

E este sol radioso do dia primeiro do ano faz-me lembrar esse outro sol do Alentejo, luminoso e forte á luz do qual Antonio Sardinha escreveu as suas melhores obras e eu sinto-me penetrar da tristeza dos seus versos:

Montaria do Alentejo, nobre vila
com grandes torres no seu brasão cimeiro
A tua sombra riística e tranquila
eu doravas meu sono derradeiro.

David MOREIRA

Porto, Janeiro 1930 (da Jauta Municipal do Porto do I. L.)

ANTONIO SARDINHA

E

"A RELIGIÃO DA BELEZA"

N^a luta incessante de retomar a velha estrada tradicional do bom senso, Antonio Sardinha, naquele seu admirável trabalho de filosofia da arte — *A Religião da beleza* — pretendendo restaurar o verdadeiro bom gosto, tão afastados andâmos da tradição da arte cristã, que desde a Renascença tudo se perverteu e paganizou, começára por referir aquelas boas palavras portuguêssas de D. Frei Bartolomeu dos Martires, em Roma a um cardíal artista que extasiado lhe mostrava as magnificencias da sua rica coleção: — «Parece-me, senhor, que já em espírito via o Apostolo estes marmores e estas curiosidades, quando escrevendo a Timóteo, disse que deixarão os homens de ouvir as verdades que importa saberem para sua salvação e entregar-se-lão a celebrar patranhas e fábulas de infieis».

E' ainda a nobre lição ancestral dos nossos maiores letRADOS, que Antonio Sardinha trouxe para o pórtico deste seu ensaio crítico, recordando como no século de quinhentos, em plena Renascença, um representante da nossa cultura, intemperadamente pensa e fala, resistindo com firmeza à corrente das novas ideias. Por toda a parte, nos centros de cultura do Ocidente, uma onda de admiração, um borborinho prolongado de extasis, ante as velhas pedras da escultura pagã, fizeram da arte — que na idade-média quasi exclusivamente fôra religiosa e cristã, erigindo devotas casas monacais e magníficas catedrais — qualquer cousa de sobrenatural, «de divino» e com isto quero frisar a generalidade com que era usado então este qualificativo pagão, deificando os que realizavam arte e formando o corpo doctrinário da *religião da beleza*.

Não se trata agora de estabelecer uma barreira intransponível, espécie de muralha espiritual que separasse para sempre do pensamento moderno, a arte e a cultura das velhas idades pagãs, não se cuida possível, nem mesmo lógico, esquecer de todo a literatura e a filosofia da Grécia e de Roma, não se procura fechar os olhos a todo o pensamento e a toda a ciéncia antes de Cristo, desenvolvida e ensinada pelos sábios da velha A'tica e pelo espírito coordenador da Roma legista. A própria

idade-média em S. Tomás d'Aquino, nos traça o caminho a seguir, interpretando e cristianizando Aristóteles e admitindo como recorda Antonio Sardinha neste estudo a que me venho reportando, numa explanação do que é a arte «que ninguém pode viver sem deleitação», acrescentando ainda S. Tomás, «todo aquele que está privado dos deleites espirituais, cai inevitavelmente nos deleites carnais».

Não procuramos portanto de modo nenhum, um regresso integral nos velhos moldes mediévaes, pondo de parte totalmente o que de não e não contrário ao Cristianismo, a arte grega e romana nos legou. O que urge combater sempre e por todos os modos, foca em todo o seu estudo Antonio Sardinha, é o mau e errado conceito que a Renascença nos deixou da arte, conceito que levou o padre Mafiei, e é ainda Sardinha quem nos conta, a pedir permissão para ler o brevíario em grego, talvez repugnado do latim das letras sacras onde a forma era, para honra do Cristianismo, posta em segundo plano, sobressaindo em toda a sua pureza a verdade cristã. Não que sejam destituídos de forma nobre e bela os canticos da Igreja, que um estilo novo e sugestivo, devoto e cristicamente ardido, que derivava da própria essência do Cristianismo, se foi formando durante a idade-média, mas porque, tudo o que não fosse a antiga cultura grega e romana, era para os humanistas, tido como bárbaro e inculto e toda a arte que não derivasse em linha recta das ordens dórica e toscana, não lograva elogio, senão fosse ainda condenada, como tendo aparecido nesse longo período de trevas de muitos séculos, como durante tantíssimos tempos, foi considerado o período medieval. Mas se de facto não procuramos, entendemos nós, um regresso integral aos velhos moldes da idade-medieva, o certo é que sem rebuço admiramo-la, no seu magnífico século XIII, em que o brilho de ouro de bom quilate da *nova civilização*, melhor se destacam de entre as arcarias românicas e os colunelos de pedra negra dos claustros devotos e das naves imponentíssimas das catedrais góticas. E para mais, a arte medieva, que a Renascença amesquinhou, é de todas a mais impregnada de beleza, arquitectada de nobres linhas e daquela dignidade austera que se admira com comoção e que melhor de todas enobrece o espírito e constrói.

Beleza dignificante, ressalta de toda a expressão artística da meia-idade, melhor diríamos talvez *sobresa construtiva*, notando quão desacreditado se encontra o vocábulo *beleza*, embora Antonio Sardinha no referido estudo, que von seguindo ao traçar estas linhas, pretenda distinguir *beleza de forma* explanando com eloquência: — «A forma sobrepujou, desgraçadamente a beleza que é mais essência, mais irradiação central e interior do que um concreto e limitado equilíbrio de linhas e aspectos».

Viver em beleza pretendiam os artistas da Renascença, e ainda hoje há quem lhes imite o gesto, alegando doutrinas de estética delirante, mas procuremos indagar a que beleza uns e outros aspiravam, se lentamente se iam afastando de facto da verdadeira beleza, que é mais espírito do que forma, mais ideal do que volume plástico? E' ainda

Sardinha quem nos responde quando escreve que «a causa está em se haver tomado a forma que é um atributo, como sendo só ela a beleza pura e simples».

Uma nobre modelação mental, notámos desde sempre na arte da idade-média, que a distingue e dignifica — o seu marcado carácter colectivo. De facto os estatúarios da meia-idade não deixavam gravados os seus nomes individuais na imaginária das arquivoltas românicas ou nas estátuas jacentes dos túmulos dos reis e grandes senhores e isto se dává escreve Antonio Sardinha porque «o verdadeiro artista, o artista penetrado do sentido perfeito da sua missão, circunscreve-se modestamente à certeza de que não é um ser excepcional, mas tão sómente um operário que opera, um trabalhador que trabalha».

Desde sempre, repetimos, que o espírito da idade-média se nos afigurou como uma síntese de sentimento colectivo desse período, e a sua arte, sendo como em todos os tempos, um reflexo imediato e perfeito da cultura é por todas as razões do mesmo modo a expressão dessa cultura e desse sentimento místico colectivo, que mais do que em qualquer outra idade vibrou, nobilitando a cristandade. Nunca como na idade-média, a directriz da cultura dum povo, tanto se integrou na sua própria índole, de modo que ao contrário da cultura humanista, que por essencia pertencia ao escoi das gentes e portanto andou de continuo divorciada dos destinos e das tradições dos povos, a civilização medieval e nela o pensamento, a arte e a literatura desse período, é como nenhuma outra, representativa do pensamento colectivo. Assim o artista medieval, não firmando as suas produções, aparece-nos como sempre sonhámos deviam sé-lo: — os intérpretes eloquentes da curva do idealismo e do sentimento cultural de *fazer* os seus contemporâneos.

O individualismo que a Renascença nos legou, dividindo os realizadores de arte, isolando-os e divorciando-os dos destinos dos povos, dando origem a movimentos isolados, carecendo de uma ideia coordenadora que os ligue e lhes dê corpo, sent o que, inevitavelmente passarão despercebidos no concerto universal, produzindo arte fragmentária, esquecendo penosamente que só a ação colectiva perdura e dignifica.

Um só remédio se poderá aplicar a este mal de que a arte sofre desde o Renascimento, um apenas, e esse é ainda Antonio Sardinha quem neste seu magnífico estudo de filosofia da arte, nos lega, num derradeiro conselhio a artistas, pensadores e escritores, sentença admirável de boa conduta cristã: «O orgulho do artista, o seu melhor braço, estará em identificar-se com o comum dos homens».

A. de MENDONÇA-DIAS

O premio ANTONIO SARDINHA

O convite que os meus camaradas da «Política» tiveram a gentileza de dirigir-me para colaborar neste numero da revista, a par de uma distinção que registarei entre as mais gratas que, em doze anos de bom combate, tem recebido o meu esforço obscuro, veio proporcionar-me o encontro de revelar uma ideia, acarinizada há muito tempo, e a qual, posta em execução, constituiria, a meu ver, a melhor homenagem a prestar à memória de António Sardinha.

Consiste ela em se fundar um prémio literário destinado a galardoar a obra mais notável, de carácter contra-revolucionário, que saisse anualmente dos prelos portugueses, prémio que se colocaria sob o patronato glorioso do escritor, desse prodigioso animador de energias nacionalistas, desse «destro e subtil caçador de superstições», conforme o classificou, um dia, o sr. dr. Afonso Lopes Vieira.

O Prémio António Sardinha representaria assim um estímulo de futuros e fecundos empreendimentos literários, e seria também um padrão erguido à memória do apóstolo e doutrinário do nacionalismo português.

Não desconheço, de certo, as graves dificuldades que haviam de embarriscar semelhante empreendimento. Num meio intelectual coeno o nosso, tão falho de iniciativas e de recursos monetários, momentaneamente quando não se trata de auxiliar qualquer plano maçônico, uma empresa desta ordem encontraria, sem dúvida, pela frente, obstáculos quasi insuperáveis.

Mas, porque estou intimamente persuadido de que tais dificuldades não seriam impossíveis de vencer pelo nosso entusiasmo, não hesita a minha fé em acreditar na viabilidade do Prémio António Sardinha, nem duvidarão acreditá-lo os meus camaradas mais novos da «Política», a cuja dedicação pela memória do Mestre, confio hoje esta ideia.

Se a jornada se iniciasse, não haviam de surpreender-nos os entraves habituais. Não me esqueci ainda do ambiente de silêncio que acolheu aquela brilhantíssima campanha do dr. João Ameal a prol da criação dos prémios literários em Portugal. Quando nenhum Mecenas acorreu patrióticamente a secundar essa iniciativa inteligente do autor de «A Contra-Revolução», que inesperado auxílio poderemos aguardar para levar a bom termo a instituição de um Prémio António Sardinha?

Por isso mesmo, talvez muitos sortiriam da minha ingenuidade, e dir-mão que só por milagre poderia transformar-se em realidade uma ideia que eu desejava ver perfiliada por todos os reaccionários portugueses.

Pois confiemos no milagre, lembrando-nos de que já outro saudoso preceptor das novas gerações, o dr. Xavier Cordeiro, nos ensinou que «todos os milagres são possíveis, desde que os gérre a força propulsora da fé».

Não é agora o momento de se discutirem os processos mais vantajosos para levar a cabo uma empresa que foi meu propósito apenas sugerir. Se

ela merecer o aplauso e o apoio aos elementos contra-revolucionários portugueses, e de quantos têm manifestado o seu culto pela memória do malogrado escritor, alguma coisa já teremos conseguido. A seu tempo se estudarão as condições de lhe dar a mais eficaz realização.

Até lá, é consolador verificar que a campanha de António Sardinha não cessou com o seu desaparecimento.

A extraordinária actividade do escritor, dir-se-hia que adivinhando um termo breve, ergueu com solidez um monumento em que vemos assegurada a imortalidade do seu apostolado.

As páginas em que António Sardinha empreendeu a restauração do Pensamento Português deturpado por mais de cem anos de retórica liberalista, pertencem ao numero bem restrito daquelas que o tempo não conseguirá desvanecer.

Precisamente a esse doutrinário, de António Sardinha e dos seus companheiros de luta, — é de justiça acentuar — devem as gerações novas a conquista de uma directriz espiritual que as libertou das baixas superstição democráticas. Nunca será de-mais relembrá-lo, nesta curva da jornada que a gente nova vai trilhando pelos caminhos agrestes do sacrifício.

Que ela não desfaleça, que ela se compenetre do seu dever, da sua vocação, e o «milagre da Ressurreição» virá coroar o seu esforço resgatador. Possuidora de uma doutrina —, doutrina de salvação nacional, a geração nova saberá encaminhar-se, a passos firmes, para o terreno da vitória.

A hora da Contra-Revolução ha-de chegar, e nesse dia, todos serão preciosos, todos hão-de encontrar-se no campo comum do bom combate.

Praticaremos um acto de inteligência, cumprindo o mandato que António Sardinha nos legou, no seu comunicativo entusiasmo. O futuro é da mocidade, dessa «geração que resgatadoramente sobe para a vida e para a lutas», e a quem compete «dar o grande passo». «Medita-o bem a gente nova do nosso país», — escreveu o autor do Purgatório das Idéias — porque uma extraordinária epopeia lhe está reservada, — e de repetir por feitos próprios a gesta do Sangue antigo e sobre os alicerces da pátria velha lançar os fundamentos de um outro Portugal! «E, noutro livro, *Ao princípio era o Verbo*, um *livre-sai*, como diria Léon Daudet, afirmava com o mesmo poder de convicção: «Mas se nós nascemos para a expiação, como portadores que somos do futuro de Portugal, nascemos também para as grandes obras de justiça reparadora.»

Pois grande obra de justiça era a de prestarmos ao nome de António Sardinha a homenagem que proponho, e, além disso, obra de incalculável alcance para o florescimento da ideia contra-revolucionária.

Fundando o Prémio António Sardinha, praticaremos ainda *um acto de inteligência*, acto que, pelo seu significado e pelos benéficos resultados que havia de trazer à propaganda integralista, seria duplamente grato à memória do escritor.

Acreditemos nessa obra, e empenhem-nos na sua realização «com a firmeza de quem crê e de quem quer.»

Fernando CAMPOS

No V aniversario da morte de ANTONIO SARDINHA

NUM velho numero da «Monarquia» publicado quando da morte de António Sardinha, escrevia o Sr. Dr. Luiz de Almeida Braga estas palavras: *A morte de António Sardinha seria também a morte de nós todos, se o seu pensamento, a sua influência e a sua vontade não tivessem ficado a comandar-nos.*

Escritas há cinco longos anos tem hoje inteira aplicação. A voz de comando continua a fazer-se ouvir, e os seus imperativos são hoje mais dignos de atenção do que nunca, porque mais do que nunca é preciso ter fé em Portugal e nos seus destinos.

As loucuras do idealismo liberal-democrata estão hoje em inteira decadência, desacreditadas pelos seus funestos resultados quando postas em prática, demonstrada a inanidade e inconsistência das suas construções filosóficas quando sujeitas à crítica livre de quaisquer prejuízos. Hoje ninguém de são juizo acredita nas mirificas virtudes do papelinho branco que se lança no caixote em dias de eleições; a instituição parlamentar perdeu os créditos de que gosou um dia, mercê da sua própria actividade em demonstrar que para nada de bom servia, que nada de bom havia a esperar dela.

Não era assim em 1914, quando numa soberba invocação do simpático Castanheira da Ilustre Casa de Ramires, a «Nação Portuguesa», principiou a lançar a preciosa semente do Integralismo. Então foram tomados aqueles que nela colaboravam senão como loucos varridos necessitando urgentemente dum lugar em Rilhafoles, ao menos como patrás desejosos de notoriedade, tão arrevesadas e inconcebíveis apareciam às mentalidades de então, as novas disciplinas mentais proclamadas.

António Sardinha e os seus companheiros, serenos ante as chufas, enérgicos nos ataques aos preconceitos correntes e na imposição da verdade nova, continuavam sem descanso no caminho encetado.

Esta fé na victoria final, este caminhar contínuo por sobre quantos obstáculos à sua vontade, a ignorância e os interesses ofendidos lhes atiravam para a frente, é a primeira e profunda lição que António Sardinha e os seus companheiros oferecem à nossa atenção. Por isso António Sardinha pôde pro-

clamar um dia cheio de coragem, que a vitória final seria nossa causa, já então o era nos domínios augustos da inteligência.

Mas na vida de António Sardinha há outros aspectos além do de apóstolo incançável e intemerato das verdades portuguesas. A história da sua actividade mental é prodigiosamente grande e, causa admiração como em tão curta vida se conseguiu realizar tão profícua e vasta obra. Coenpulsando os seus livros ficamos admirados com a variedade dos assuntos que trata e com a forma como os trata, revelando sempre longas e minuciosas leituras sobre eles, falando sempre como conhecedor dos problemas que procura resolver ou simplesmente enunciar.

Esta vida de trabalho sem descanso, procurando continuamente novos campos de aplicação para a sua forte inteligência, é outra lição proveitosa para todos nós, que é conveniente termos sempre bem presente, tão contínuas e aliciantes são as seduções que aquilo a que se convencionou chamar boa-vida nos oferece.

Nem esqueçamos o poeta que ele foi olhando apenas o intelectual, porque é precisamente nos seus versos que a sua alta espiritualidade se revela em todo o seu explendor. Poeta cristão, poucos como Sardinha souberam dizer em tão em lindas palavras tão lindas cousas sobre o amor de Deus, da Pátria, da terra que nos viu nascer, da família que nos deu o ser e nos criou. Não há na língua portuguesa mais sentidas e ao mesmo tempo mais resignadas queixas que aquelas que os sonetos do «Era uma vez um menino» revelam. São dolorosos brados dum alma atingida por punjente dor que só a confiança em Deus de certo modo acalma. Em nenhuma das obras poéticas do Mestre aparece mais notadamente a sua mística crença em Deus. Deus lho deu, Deus lho levou, seja feita a Sua vontade. Nem uma revolta, nem uma dúvida. Apenas crença e resignação. Por isso os vóos de sua alma pelas alturas da poesia não são manchados, obscurecidos, pela mais tensa nódoa de torpe sensualismo ou grosseiro materialismo. Para António Sardinha, poeta era por em arte os grandes temas que nas suas obras em prosa, com rigores científicos tratava.

Como cristão viveu, como cristão pensou e agiu e como cristão morreu, isto é, com serenidade e resignação, sem temores supersticiosos acerca da vida eterna.

Cinco anos depois da sua morte, nós temos a felicidade que a ele não foi dada, de ver meio realizada a grande profecia que um dia atirara num dos seus escritos. Não era gratuitamente que Sardinha proclamava: *Ninguém,*

como são, no longo crepúsculo que envolve os destinos do Mundo e da Civilização, possui motivos de firme e elevada esperança.

Esta certeza nos destinos da sua Raça, esta fé inabalável nas virtudes da mesma, alcançara-a António Sardinha nos estudos que fez do passado, na observação das possibilidades presentes. Com segurança indicou a causa do mal e o remedio para o debelar; a causa eram as loucas e mortíferas teorias que enredavam a vida dum raça forte, viril, e a arrastavam para o caos; o remedio era a renúncia aos lirísmos ócos da ideologia liberal e a aceitação dos princípios tradicionaes, daqueles princípios que não eram bons por serem velhos mas, velhos por serem bons.

O milagre grande da restauração de Portugal pôde um dia vir a ser um facto. Virtudes, possibilidades ha-as e bastantes, o presente o demonstra, tornando a profecia em realidade. Começou já a operar-se, pode dizer-se. O mestre não se enganou.

Meditemos pois a lição da sua vida, e saibamos ser dignos dela. Conosco está o seu pensamento, a sua influencia e a sua vontade. Um encaminha-nos, o outro sustém-nos e dá-nos valor, a sua vontade ordena-nos a continuação da obra legada. Curvemo-nos reverentes ante a ordem, porque ela vem de quem de direito, e continuemos o nosso caminho certos de que a victoria final será nossa. Quando? Nos domínios augustos da inteligência já; nos domínios do material quando Deus quiser. Quem tem a certeza de vencer excusa de ter pressa, e nós não a temos.

Esta é a meditação que neste lutooso dia 10, a Junta Escolar de Coimbra oferece aos seus amigos.

Pela Junta Escolar de Coimbra

Anselmo Duarte FIGUEIRA

em memoria do Mestre

RESOLVIU a Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano recordar, na sua magnífica revista, mais este aniversário da morte de António Sardinha. Os integralistas da Junta Escolar do Porto, convidados pelos seus camaradas de Lisboa, aqui veem deixar algumas palavras, poucas e singelas, que testemunham a sua veneração pela memória do Mestre desaparecido.

Os homens como Antonio Sardinha só morrem aparentemente. O melhor de si próprios — a sua personalidade moral, as suas ideias, gravadas fortemente nas inteligências e nos corações dos seus discípulos e imortalizadas nas suas obras — continua a viver e a agir. Deste modo, António Sardinha continua ainda o seu apostolado nacionalista, permanecendo, em espírito, entre nós, para nos guiar e instruir nas coisas de Portugal.

Na hora incerta (que dura ainda e não sabemos quando acabará! ...) é nós ensinamentos de António Sardinha, sobretudo, que se fundam as esperanças dos verdadeiros Portugueses, pelo melhor conhecimento que neles se colhe, das virtudes e grandezas da alma da nossa Pátria e dos remédios que a farão sarar. E, por isso, António Sardinha é, para nós, portugueses novos que acima de tudo desejamos — e queremos, que é mais — a grandeza de Portugal, não só um dos escritores mais brilhantes da sua geração; não só o historiador profundo, erudito e probó, verdadeiro e carinhoso médico que foi, para a nossa intoxizada Historia; não só o poeta inspirado e ardente, cantor da Terra, dos costumes, da grey, não só ainda o português de lei que nos tempos miseráveis de hoje soube ser um português de outrora, mas é ainda o guia seguro que, pelo mundo complexo das ideias, nos leva por caminho português: ora através da Historia, desvendando as *lendas negras*, reabilitando Reis sábios e Heroes, executando traidores, mostrando clara-

mente a verdade portuguesa, restaurando uma História de Portugal admirável de grandeza e de beleza, digna de ser amada e seguida como um verdadeiro evangelho nacionalista que é; ora, através da cultura portuguesa, e ainda da de alguns outros povos, iniciando-nos nos tesouros da sua erudição, orientando-nos nos pontos mais obscuros e mostrando o que aí devemos aprender. Para nós, António Sardinha é o Mestre genial que ensina Portugal aos portugueses.

A sua passagem entre nós foi fulgurante, mas rápida. Se assim não fosse, se nós o tivessemos ainda!... Mas acabou-se! A sua missão foi cumprida; o essencial ele no-lo deu.

Mas as suas palavras comandam actos; resta que nós os realizemos. Ele exige de nós ações; e nós sabemos quais são: vamos fazer-lhe a vontade!

Moços integralistas que, dumha banda à outra de Portugal, vos debruçais, hoje, anciósos, sobre os seus livros: camaradas! O nosso Mestre morreu. Portugal é o seu Herdeiro, nós os seus testamenteiros; ele espera que nós saibamos cumprir. Restauremos Portugal! António Sardinha poderá então descansar, satisfeito, no seu túmulo!

A Junta Escolar do Porto do Integralismo Lusitano

O outro ANTONIO SARDINHA

O ensaísta penetrante de «Ao Princípio era o Verbo» avulta como de bronze sólido entre os frígeis pensadores do fim do século dos comícios e da sofística: é o Antonio Sardinha da Intelligencia, ecclástico do nacionalismo português, numa nova união da Crença e do Saber.

Racionaliza o sentimento — o seu forte sentimento de fé na «dupla verdade católica e monárquica da Raça».

Por isso uma ardente labareda parece que percorre e anima dum extremo ao outro os raciocínios e as palavras dos livros que escreveu.

O outro sentimentaliza delicadamente a verdade que a razão fortalece. O poeta Antonio Sardinha sente segundo as suas ideias, vive-as afectivamente e por esta harmonia pessoal nele tem realização simultânea os fins emotivo e social da arte.

Os processos da Intelligencia e os da Sensibilidade são complementares na sua personalidade.

Afinal o Outro Antonio Sardinha em pouco diverge do pensador-político: é este descansando dos labores intelectuais num doce abandono sentimental que o cérebro raramente precisa de disciplinar.

Canta a sua função social, o seu lar, a sua Terra e a sua pátria, as crenças e usos da sua Terra e da sua pátria.

Ideias austeras de suas prosas tornam-se brandos sentimentos nos versos do poeta. Trespassados dum lírico doce, dormente, por vezes embalador, não raro despertam em altivas cadências onde se revela o Apóstolo.

As repetições frequentes e espontâneas dão aos seus versos um sabor que lembra o paralelismo das antigas canções do Noroeste, dão-lhes um tom cantante e popular.

Há motivos de melancolia galega, de melancolia bailada em muitas de suas poesias. Afectivamente podemos considerá-lo como um ramo do velho tronco trovador indígena.

Cantor de amor, este é encarado sob a forma mais pura e na sua plenitude social: Amor conjugal; a Família no scio do Lar e da Terra tendendo para Deus. São outros tantos amores nas obras de Sardinha.

Em a «Chuva da Tarde» com uma melancolia doce de abandono voluntário e feliz entrega-se a um amor-adoração, caracteristicamente nosso, tecendo sonetos num entretimento suave em torno da figura amada de sua tão cedo desditsa Esposa.

E este amor que se estende a todos os seus livros enquadra-se perfeitamente no Lar, na Terra e na Crença.

Prova a saudade no exílio medieval de Toledo com torres e muralhas

hirtas numa «paizagem de Outro-Mundo ligando à sua a coita de Sancho seu «irmão antigo» e perguntando como o «Rei-Saudade» aos ecos tristes que nada respondem:

«Ay Deus, e hu é, Senhor a minha amada?! Depois é o Alentejo sua província natal «onde a minha árvore descansa» cantado com entusiasmo na «Epopéia da Planície» cantando e compreendido nas suas tradições de enorme campo de batalha dos heróis da Grey. E o Alentejo das vilas claras ao sol em braza, dos castelos roqueiros cercados de povoações caídas, das searas infinitas, das charnecas requeimadas.

E o Lar alentejano, o povo lavrador, costumes, objectos caseiros; são as suas feiras bizarras, seus heróis e santos.

Ninguém com maior entusiasmo cantou a grande província do Sul.

Por fim é Portugal inteiro invocado por Sardinha. Toda a sua história heroica e sentimental.

Nobres virtudes e velhos amores a que o Tempo não conseguiu ainda emurchecer a beleza.

Também António Sardinha tem aspectos de poeta ibérico na compreensão filial da remota «Madre Hispania»:

«Canela no crepúsculo inflamada
írru da grande terra alentejana
ao mesmo sentimento do Inferno».

E o poeta quando versa temas castelhanos adquire intensidade trágica em contacto com a psicologia dura do grande país do Centro.

E «Toledo dos Concílios e das Gestas, dos defuntos, das ossadas reinando sobre a treva que articia» é a Cava «mais do que nunca a perdição de Espanha» são as figuras subterrâneas do Greco, é D. Quichote — o cadáver da Cavalaria.

Em Espanha a vida é mais Trágica, o amor mais violento, a tentação mais forte:

«O' dona Sol, meu corpo de oiro arrudo,
de lábios mais sangrentos que a roxa,
nascente num ferro de Granada
como é que tu podias ser criado!»

E a luta entre o Espírito e a Carne ganha cores intensas e proporções de drama.

Sirvam de exemplo as poesias Dona Sol, Dona Serpe e Câmara Ardente do volume «Quando as nascentes despertam».

E um aspecto notável éste do poeta católico — romano das catedrais, dos órgãos, das procissões, das fórmulas litúrgicas, das festas solenes... .

Com António Sardinha tão cedo arrebatado à vida não perdeu somente a Nossa Terra um autêntico racionalizador da sua maneira de ser, mas também um grande poeta que gloriosamente honrou a tradição lírica da gente portuguesa.

Francisco da Cunha LEÃO

"OS MORTOS MANDAM!"

MAS um ano que passa sobre a morte de António Sardinha!... Para aqueles que o não conhecem, e o não amam, o seu passamento desta vida é como o dum qualquer outro humano; para nós, seus filhos espirituais e herdeiros dumha herança pesada, esta data é uma fonte de graves responsabilidades. Por isso mesmo que nos intitulamos e usanmos de seus discípulos, sentimos como nenhuma o vazio imenso que a sua morte veio abrir à nossa volta — a morte dum Espírito que fôra — como é e continuará a ser — um arrimo das nossas inteligências em botão sujeitas a queimarem-se irremediavelmente no contacto de agentes maléficos.

Diz-se que os mortos caem depressa no esquecimento dos vivos... Não! Mentira, como tantas outras, que o sórdido materialismo implantou em cérebros deformados quando não em corações mal-formados, nós repelimos energicamente esta sentença indigna da espécie humana, e reivindicamos o direito de reconhecer o pescadorado intelectual do chorado Mestre!

Os mortos mandam!

E é tão possante, imperiosa, avassaladora a voz do morto António Sardinha, que até aqueles de quem se diria os persegue o fantasma dum desaparecido, ásses mesmo são indiretamente admiradores do seu elevíssimo espírito, pois vivem e respiram o ambiente que o seu grande vulto gerou!

Hoje que afim parece raiada a hora alta do ressurgimento nacional, se ainda houver justiça entre nós para questões desta natureza, manda a verdade que se confesse, que a atmosfera que hoje envolve Portugal receben do Integralismo Lusitano os seus primeiros e senão os únicos, de certo os melhores influxos; sem êstes — porque atalhos ainda não teríamos que correr, primeiro que entrassemos na estrada de Damasco?

António Sardinha e os seus companheiros da primeira hora, êstes felizmente vivos, fôram os mais seguros doutrinadores do nacionalismo português; e tanto êles, e só êles, estavam na verdade que se via não há muito tempo, os proprios partidos de desgraçada memória apresentar essa

coisa insípida que dá pelo nome de programa político, formando uma manta de mal-cossidos retalhos, em que os melhores bocados eram exactamente os recortados à declaração de princípios e doutrinas do Integralismo Lusitano?

Com razão dizia, em face disto e várias outras confissões tácitas o Dr. Hipólito Raposo num grupo de rapazes: Com franqueza—ou temos razão, ou não a temos: se a temos, (talava dôles) porque nos perseguiu e nos caluniou, antes não tendes a humildade de caminhar sobre os nossos passos, que não é desdouro seguir uma verdade reconhecida pelas lentes da inteligência; se a não temos, como se compreende que copieis os nossos princípios, no todo ou em parte, posto temhais o cuidado de alterá-los um bocado (para pior), para salvar as apariências e dar fôros de originalidade ao vosso pensar?

Pois bem! É manifesto, rassalta dos factos que, quem está na verdade, confessem ou não os adversários e... certos simpatizantes, é o Integralismo Lusitano. Porém não se pense desta pequena vitória, que é tempo de depôr as armas; pelo contrário, estando o inimigo vigilante, seria imperdoável fraquezza, uma traição inominável, o comodismo de alguém que se lembrasse de dizer: agora que vencemos, é bem merecido um descanso mais ou menos longo.

Além de que a vida é luta permanente, não conhece tréguas, a própria memória de António Sardinha exige de nós que continuemos a ocupar o baluarte, porque nós não pretendemos, é bom que fique isto retido, mera satisfação de validades pessoais, antes o nosso fim é salientar a urgência de condicionar toda a ação reconstrutora por um labôr constante de rectificação mental.

Os mortos mandam!

Fernão MOURA

a melhor Homenagem

Amigos:

PEDEI-ME V.V. algumas linhas para o numero da nossa «Política» de homenagem à memoria de Antonio Sardinha e comemorativo do primeiro lustre do seu passamento. Embora conscheça a pobreza da minha pena, afi vão, porque nunca vos faltei, as singelas palavras do mais humilde soldado do *Integralismo Lusitano*.

Não é meu intento, falar-vos agora do Poeta, do Jornalista, do Político ou do Pensadór. Outros o farão por direito proprio e melhor do que eu o poderia fazér.

O que quero dizer-vos é que, passados como vão estes cinco longos anos de incertezas, sobre aquela tarde triste em que o corpo do Mestre desceu ao cemiterio de Monforte, vai sendo tempo já de lhe prestarmos todos a grande, a *única homenagem* que devemos, à memoria de quem melhor amou e melhor nos ensinou a amar a Terra dos Avós.

Quão grande seria a dôe do Mestre, amigos, se os seus olhos de novo se abrissem à luz clara do nosso sol!

O que resta da hoste aguerrida que o seu verbo iluminou?

Restam os seus *Pares*, aqueles de quem foi o discípulo e o Mestre, esses que foram os seus primeiros amigos, os companheiros da hora incerta em que o *rumo* não estava ainda marcado e, em volta deles, o punhado que nós somos.

E os outros? E os *discípulos*? Aqueles em quem o seu coração generoso pôz o melhor da sua esperança? E tantos outros? Tantos!...

Perdidos nos *desvauinhos do deserto*, quantos não faltariam à chamada por não poderem suportar a firmeza do seu olhar leal, quantos não voltariam de cabeça baixa, que o remorso lha não deixaria erguer?

*

Passados estes *cinco longos anos* em aventuras e rebeldias, chegou a hora de fazermos todos o *exame de consciencia*. Todos: os que nos afastámos do *caminho* para seguirmos os trilhos vários do erro; os que pelo caminho ficámos a sós com o *desalento* e aqueles que o temos seguido sempre com os seus *Pares* e com a nossa Esperança. Amigos, esta será a melhor homenagem:

— Que *as* que partiram pelo trilho incerto regressem breve ao rumo da Verdade;

— Que *as* que se deixaram tomar pelo desalento abracem breve a nossa *Esfecrana*:

— E vós, amigos, recebei-as com a alegria do Pai, na parábola evangélica do filho prodigo.

— E vamos todos juntos outra vez, ilustrados como estamos pelos erros, pelos desvarios e pela maldade das horas tristes, vamos outra vez, á voz do Chefe, continuar a gesta interrompida, continua-la sem trégua, sem descanso, até á aleluia da Victoria. E eu vos repito as últimas palavras que foram ditas naquela tarde à beira da campa do Mestre. Disse-as o *Chefe* voltado para o estandarte glorioso do Pelicano que cobria o atauad. E não mais saíram do meu coração desde que meus olhos as leram. E há cinco anos que ecoam no deserto imenso das consciências e dos corações:

Rapazes: ergue de novo esse estandarte ao sol de Deus e em nome de Portugal, porque nele nos deixou Antonio Sardinha, vivo e escondido o seu próprio coração.

E esta que é a unha homenagem digna do Mestre e digna de nós, é também o nosso devér de nacionalistas e de novos, nesta Hora cintenta em que á dôr das nossas esperanças iludidas, parece responder o hino barbaro dum Traição sem nome...

Cerremos pois fileiras em volta do Chefe á voz do Rei. Que cada um de nós valha por dois ou três e, antes de partir para o Combate, ao lembrarmos a memoria do Mestre, entoemos alegremente um «Te Deum» pela victoria admirável que foi a sua bela morte de Cristão.

*

Disse algures Antonio Sardinha: «o salco que tracei já nada o poderá apagar.»

Bela certeza do dever cumprido! Olhai como é verdade: — aqui tendes neste numero da nossa revista, a par de nós, o escul da Inteligencia portuguesa a prestar-Lhe homenagens!

Das proprias verdades que ele tanto amou e defendeu já os próprios inimigos se pretendem apoderar!

E, ao vermo-nos aqui, ajuramentados nesta trinchreira de sacrifício, prontos a darmos a nossa mocidade e o nosso sangue em testemunho da dupla verdade católica e monárquica da nossa Raça;

Ao pensarmos na disciplina admirável que nos une e na fé viva que nos irmãos;

Ao pensarmos que á invocação do nome do Mestre, a mocidade portuguesa, responde *uma voz — presente!* — como no ritual fascista;

Podemos e devemos glorificar a Memoria do Mestre, gritando sobre a multidão dos impíos, dos scepticos e dos rebeldes, a apostrofe celebre de S. Paulo!

Oh! Morte! Onde está a tua Victoria?

Ruy d'ALMARGEM

Sardinha e o Hispanismo

*L'Idrie, c'est l'Espagne et le Portugal,
c'est le Mexique, le Brésil, et l'Argentine et
les vingt nations qui se défendent contre l'ex-
tinction du surcouillant jacobin.*

MACHADO LIMA SERRA

MOSREU António Sardinha com o primeiro quartel deste século de novecentos...

Espírito dotado dum clara visão dos factos e possuidor dum esmeradíssima cultura geral, Sardinha marcou bem uma época na história do pensamento português.

Indo buscar às antigas instituições concelhias as liberdades foraleiras e o município purificado, e pretendendo actualisar o trabalho profissional das velhas corporações das artes e ofícios propondo os sindicatos profissionais, creou com os seus Pares o Integralismo Lusitano, assente sobre os alicerces fortíssimos da doutrina contra-revolucionária destinado a atingir o Portugal Maior.

Mas o seu espírito de profundo sociólogo quis ir mais longe e alcançou a Espanha, o Brasil, a América Espanhola...

A Península Ibérica é composta por duas nacionalidades, independentes por fatalismo histórico e geográfico, mas cooperantes no campo internacional, onde idênticos interesses as unem.

Durante os séculos xv e xvi, Portugal e Espanha deram ao mundo novos continentes e novas ilhas, modificando completamente o planisfério e pelas cinco partes do Orbe, os dois povos irmãos cujas línguas em todo o Universo não há outras mais semelhantes, propagaram a Fé de Cristo e a Civilização Ocidental. A América é o fóco dessa civilização, e foi para esse vastíssimo continente que tomou o nome de Amerigo Vespucci que Espanha e Portugal, este pela boca verbosa dos missionários da Companhia de Jesus, (*) — Padre Anchieta e Francisco

(*) Não quero dizer com isto que entre os Portugueses deixasse de haver osquistadores notáveis, mas a colonização do Brasil, por exemplo, foi toda obra dos jesuítas.

Pizarro — aquela pelas armas dos castelhanos cavalheirescos transplantaram através do Atlântico a civilização do Mundo Velho, que generosamente doaram ao Novo Mundo.

Foi o grau cultural dos povos conquistadores, incomensuravelmente mais dilatado, que contribuiu para que povos da Hispania — não confundir com Espanha — absorvessem facilmente o elemento autóctone. Desse cruzamento de raças nasceu uma raça nova — hispanizada então, hoje totalmente hispânica — que mostra bem que foram as qualidades assimiladoras dos dois povos do sudoeste europeu quem consolidou no mundo moderno o predominio branco.

O mesmo não aconteceu com as colonizações individualistas do elemento anglo-saxão, onde o sangue nórdico puro faz os maiores esforços para se não deixar absorver. O vasto mosaico etnológico dos Estados Unidos da América é um exemplo flagrante das qualidades inassimiladoras do inglês. E' que nós, os da Hispania, «ora impávidos como nos Lusitâncias, ora sonhadores, como Quixoto, vamos pelo mundo dando o exemplo dum vida que elevanta e afasta a humanidade do materialismo grosseiro da gente egoísta lá do Norte» (*).

Foi a Hispania que outrora conseguiu tirar do Mar Tenebroso um mundo novo que é a continuação legítima do claro génio peninsular.

Com interesses comuns no campo internacional e possuidoras dum religião unia, a religião católica, Espanha, Portugal e as Repúblicas da América Latina, devem constituir um núcleo de resistência hispano-americano que se contrapõe, dum lado, ao alongar das ambições incontidas do Japão, de outro, aos Estados Unidos com a teoria hipócrita dum Monroe, e de outro ainda, ao panislavismo que ameaça o Ocidente com uma invasão quasi possível da horda asiática.

E' esta a política internacional de aproximação Ibérica que Sardinha defendeu. A «Aliança Peninsular não é mais do que a apologia dessa política de conjunto, sem contudo defender essa utopia vã da União Ibérica, tantas vezes fracassada no longo discurso da história da Peninsula.

(*) Conferência realizada em São Paulo — Brasil em 1922 pelo professor da Faculdade de Direito dessa cidade, Dr. Noé Azereedo. In «Contemporânea». 3.ª série, N.º 1.

Bastante arrebatadoras, esta frase com que acaba a conversa preliminar da «Aliança», dissertando sobre o Hispanismo:

«Que Portugal e Espanha o entendam como norma inspiradora da sua ação futura — e a civilização ocidental triunfará do negrume denso em que se estorciona, transviada».

E' o supernacionalismo que se manifesta nesse hipotético imperialismo hispano que Sardinha brilhantemente defendeu.

Seriam os Reinos de Portugal e Espanha, dum lado; as grandes e pequenas Repúblicas da América Meridional, do outro, como filhas de dezenove anos emancipadas da Hispania Madre; ao centro, o Atlântico Sul, o *Mare nostrum*, ligando a América à Europa, numa aliança étnica e religiosa.

Morreu em mil novecentos e vinte e cinco, sem que todavia se realizasse o projectado sonho, mas sem deixar de ecoar o grito bídico de alarme que um dia levantará a Raça ao cosme de aspirações humanas:

«A Hispania salvou outrora a humanidade dumha noite profunda e quasi sem esperança.

«A mesma noite se condensa trágicamente sobre as nossas cabeças.

«Acima, hispanos, de ambas as margens do Atlântico e que as estrelas do Céo e as ondas do mar sejam outra vez o gesto dumha raça que nasceu para se dar a Deus e aos homens, num sacrifício ardente e jubiloso».

E' que Sardinha encarava o Hispanismo como a única possibilidade de realização do *Quietó Império* do milão sebástico.

Lisboa, Dezembro de 1929

Luis de ALMEIDA

PALAVRAS DE ENTUSIASMO E DE SAUDADE

Ao escrever algumas linhas sobre Antonio Sardinha, era meu grande desejo fazer exaltar, através dumha prosa forte e colorida, as suas qualidades raras de historiador e artista, de batalhador e Poeta, qualidades estas que, apesar de tão longamente conhecidas, nunca seria ocioso vincar mais.

Porém, certo como estou, da minha incompetência para uma tarefa tão agradável quanto difícil, como seria essa, limitar-me-hei, numa triste resignação, a fixar em poucas palavras, desataviadas e palidas palavras, alguns minutos de saudosa meditação.

Morreu ha cinco anos Antonio Sardinha.

A inteligência e a Fé foram as armas que o acompanharam, com brilho maior em cada dia, durante a sua jornada gloriosa, a meio da qual a morte no-lo roubou, por nosso mal, quando a semente benigna que ia espalhando começava a frutificar.

A sua obra fecunda, revela bem o caminho que Ele marcou com clareza e desassombro únicos, caminho das grandes idéias, que trilhou a passo firme, atraído pela Fé e levado pela Inteligência — o caminho de Deus e da Pátria Restaurada.

Mantendo-se acima das filosofias modernas — essa *barbarie intellectuelle*, a qual, *parce qu'elle implique, dès le principe, le mépris de la pensée des générations précédentes*,⁽⁶⁾ conduz invariavelmente à confusão ou ao vazio — ele pônde observar aquela claridade magnifica que o guiou ao Sacrário da Verdade, Verdade Portuguesa! Verdade Sagrada, pela qual combateu, sem um desânimo, sempre elevado na sublime exaltação da sua Fé em Deus e em Portugal, Fé de católico e de monárquico.

O seu toque de guerra espalhou-se aos quatro ventos!

A sua palavra falou aos corações; muitos dos transviados, que acordavam na noite e na noite seguiam levados pela inconsciência, poderiam, enfim, ver a luz que ele erguia tão alta e, chegados ao bom caminho, lutar ao lado do Apóstolo, ao lado daquêle que, refundindo no cadiño da sua inteligência privilegiada as virtudes da Raça Antiga, ensinava os portuguêses a serem Portugueses

(6) Jacques Maritain, in. «Antimodern». —

Sabíamos, pois, ser portuguêses, reedificando a Nossa Casa, para nós e para os que hão de vir.

À nossa geração cumpre resgatar o Portugal Antigo.

Não abdiquemos de tamanha honra.

Une, deux générations peuvent oublier la Loi, se rendre coupables de tous les abandonos, de toutes les ingratitudes. Mais il faut bien, à l'heure marquée, que la船 soit reprise et que la petite lanterne vacillante brille de nouveau dans la maison. (1)

A hora marcada é o presente.

António Sardinha chama-nos para a luta. Ele está coenôscio presente e vivo, mais presente e mais vivo agora que o seu espírito está em cada um de nós, firmando-se cada vez mais nos nossos corações e no nosso pensamento, pela saudade que aumenta dia a dia.

Sigamos o nosso Chefe, aprendendo a doutrina que ele pregou, para que, num dia próximo, possamos cumprir o que o Rei de nós espera e o que Deus de nós exige.

Prestemos a António Sardinha o culto que ele merece, não perdendo-nos em estéreis contemplações sentimentais, mas, como a sua doutrina nos ensina, raciocinando e agindo, para, com a mesma vontade e confiança, podermos afirmar como ele afirma: *Portugal ressurgirá, — firmemente a creio! — quando nos dispazermos a continuá, pelo raciocínio e pela vontade, aquilo que nossas Avós consolidaram pelo costume e pelo sentimento;* (2) para, com a mesma Pé e entusiasmo, podermos resar como ele resa: *confessando-ser católico e monárquico, confessar o paternólio civilizador da minha Raza e a parte que me cube, dentro d'elle, para o proloagar e enriquecer ainda mais. Preparamos os credentes saíndo pela noite funda ao encontro da Madrugada.* (3)

Apóstolo e guerreiro, saindo pela noite funda encontrou a Eternidade. Não o choremos pois! Conservemos bem gravada a sua memória e a saudade que aumenta dia a dia. E seguindo o caminho que ele nos indica, saímos ao encontro da Madrugada, preparados os corações... .

Janeiro de 1930.

ÓNIO.

(1) Ernest Paichari, in. «Voyage du Centurion».

(2) in. «Purgatório das Ideias».

(3) Idem.

CATÓLICO E PORTUGUÊS

«**L**EVANTO as mãos ao Senhor, eu que sou de barro, grosso e impuro, por não me haver perdido nas estradas do Egípicio», tal é o acto cristianíssimo de humildade e de agradecimento, que António Sardinha gravou no prólogo de um dos seus livros. (1) A Fé profunda, e os sentimentos revelados em tão curtas como admiráveis palavras, são testemunho eloquente da Crença sincera do escritor, que tão bem compreendia a hierarquia dos fins, nos interesses da Religião e da Pátria.

Esta hora que a saudade de bons portugueses, consagrada à memória do grande doutrinador, é mais do que nenhuma indicada, para recordar a firmeza das convicções e a clara atitude em face da Igreja, da sua alma católica e portuguesa.

Fazendo-o não só nos tornaremos gratos à memória de Sardinha, apreciando o que nele existia de mais nobre, como também prestaremos um serviço útil demonstrando mais uma vez a raiz cristã do nosso nacionalismo, que em tudo inspirado nas verdades do Evangelho, só preende no Reino de Cristo, a maior felicidade dos portugueses.

A melhor defesa do Integralismo Lusitano, contra a ignorância ou má fé dos que o confundem com o nacionalismo francês e duvidam das convicções religiosas dos seus membros, encontra-se como era de esperar nos livros dos seus orientadores, e António Sardinha por isso que foi o principal deles, é também quem mais provas nos dá, da ortodoxia dos princípios do nacionalismo português.

Maurras e os demais mestres do pensamento francês, fundaram o seu nacionalismo pagão nas conclusões de uma ciência incompleta e nas considerações da história, enquanto Sardinha católico praticante, condicionou, na verdade revelada por Cristo e de que a Igreja é eterna depositária, o nosso nacionalismo Cristão. «Maurras... agnóstico impe-

(1) «Na feira dos Milos», pag. XXII

udente fechado dolorosamente na moldura estreita do seu positivismo... venera a Igreja como a depositária suprema daquelas verdades únicas que são a saúde da vida e a disciplina dos povos»,⁽¹⁾ enquanto Sardinha como católico ensina que «só a Igreja, cuja finalidade não vai para as coisas deste mundo, nos apresenta e garante uma regra segura de harmonia e de conciliação, debaixo do sinal eterno da Cruz». ⁽²⁾ Por isso da Igreja e para a Igreja deduziu Ele, o seu raciocínio político e social. A religião que no nacionalismo francês é um meio, no nosso nacionalismo, é um fim.

Maurras compreendendo a necessidade «de reprendre quelque voie qui fasse rentrer notre patrie et toutes les autres au berceau de l'humanité»⁽³⁾ e vendo na Igreja «la seule Internationale qui tienne»⁽⁴⁾ capaz de salvar o mundo latino contra a Maçonaria sectária e destruidora, advoga a ressurreição da Cristandade de antanho; enquanto Sardinha inspirado na tão bela fraternidade cristã defende o restabelecimento da República-Cristiana «constituída pela assembleia das nações cristãs reunidas em Cristo Nossa Senhor, conforme o ditame do apóstolo: quod omnes unum corpus sumus in Christo». ⁽⁵⁾ A autoridade do Papa que para Maurras é uma conveniência, para Sardinha é um dever. Ele não ambicionava a vitória da raça latina sob a hegemonia de Roma, queria apenas a felicidade dos povos, e como esta se não poderia conseguir sem a observância dos preceitos da moral cristã, pretendia que de novo, como nos tempos felizes da idade média, o Papa que declarava a culpa individual, declarando também o pecado social. Sardinha querendo a felicidade dos povos, supremo anel de um sociólogo cristão, desejava a Paz e desejava-la era reconhecer a necessidade de um órgão que definisse o direito, «órgão em nada ligado às contingências da terra, em tudo inspirado nas coisas altas do céu»⁽⁶⁾ e esse órgão era a Igreja que é por definição o «ultimo ratio regum».

Enquanto a Igreja para Maurras é um auxílio indispensável na luta contra a desordem, por ser a maior força moral do mundo, para Sardinha, a Igreja possuindo a alma dos povos, porque representa a verdade de Cristo, é «a claridade e o sorriso da civilização»⁽⁷⁾ Maurras queria da Igreja, a ordem do mundo, onde reine a força do seu paiz.

Sardinha deseja que «o Príncipe da Paz que reside no Vaticano, cheio da força admirável da sua divina fragrância»⁽⁸⁾ pronuncie sobre as nações livres e amigas a palavra santa da liturgia: *Pax dominibus, in terra bonitate voluntatis, domine.* ⁽⁹⁾

(1) «Durante a Fogneira», pag. 33 e 34.

(2) Idem, pag. 39.

(3) e (4) Le Pape, la guerre et la Paix, in Durante a fogneira, pag. 33, 37 e 39.

(5) «Durante a Fogneira», pag. 56.

(6) «Durante a Fogneira», pag. 58.

(7) Idem, pag. 60 e 61.

(8) Idem, pag. 39.

(9) Idem, pag. 61.

Nesta época em que a atitude política da Igreja é escândalo de portugueses mal informados, muito conveniente é reviver o respeito e a submissão de António Sardinha pela autoridade apostólica dos Bispos, cujas pastorais foram sempre para Ele «a verdade definida»⁽¹⁾ e sábia regra de conduta no governo dos povos.

«A Igreja — bem o compreendia Ele — não se subordina a interesses temporais, de modo a seguir-se no cumprimento da sua missão às contingências fragilíssimas da instabilidade política». ⁽²⁾ Mas porque há princípios sociais condenados pela Igreja e leis injustas que limitam aos cren tes o livre exercício da sua religião «a organização dos católicos impõe-se como força precisa para actuar na conquista de um mínimo de liberdade essencial». ⁽³⁾

Essa organização, por completo desinteressada da política e cujo único fim é a liberdade e o livre exercício da religião, Sardinha, nunca a considerou um partido, porque como dizia «partido católico só pode ser um: o partido de Deus». ⁽⁴⁾

Este partido de Deus — diz — é, segundo Barbier, o partido da Ordem e da Liberdade.

Depois de católico, António Sardinha é português; mas o seu primeiro cuidado de patriota é conformar com a Doutrina Cristã, o seu ideal nacionalista, provando que «o partido da Ordem e da Liberdade entre nós é aquele que, em relação à Igreja e ao Estado, seja o remate da nossa longa formação tradicional». ⁽⁵⁾

Ao demonstrar com vigorosa lógica que sem prejuízo da sua organização, os católicos podem e devem intervir na vida pública do seu país a fim de lhe imprimirem uma orientação conforme aos seus ideais, — o escritor esbarrando com o mandamento do respeito ao estado — não descansou enquanto a «Encíclica libertas praestantissimum» não levou à sua alma de crente a certeza de que a «Igreja não condensa que se queira libertar o seu povo ou do estrangeiro ou de um dеспólio desde que isso se faça sem ofender a justiça». ⁽⁶⁾

Defensor de uma ordem social nova, enquadrada nos laços naturais da família, do lugar e da profissão, inimigo acérrimo do individualismo democrático e do parlamentarismo, Sardinha conspirando contra o governo da República, bem sabia que o podia fazer sendo católico e por isso muitas vezes citava para sossego da consciência a passagem da mesma Encíclica aonde Leão XIII «Pontífice de mortal memória» escrevia: quando se está debaixo dum golpe ou sob a ameaça de uma domi-

(1) «Na feira dos Mitos», pag. 51.

(2) Idem, pag. 51.

(3) Idem, pag. 54.

(4) Idem, pag. 54.

(5) Idem, pag. 54.

(6) in «Na feira dos Mitos», pag. 55.

nação que coloca a Sociedade na opressão dumha violencia imposta, ou priva a Igreja da sua liberdade legítima, é permitido procurar uma outra organização política, dentro da qual se possa agir com liberdades. (1)

Antonio Sardinha era portanto um crente, antes de ser um português. Sendo crente sabia ser português.

Glorificávamos a memória de Sardinha, não só aceitando a lógica das suas conclusões políticas, mas também e mais ainda imitando-o nas suas firmes convicções religiosas. Se a experiência, o raciocínio e o estudo nos fazem ser integralistas, muito primeiro nos hão-de fazer católicos, porque os interesses da alma, eterna, vão sempre adiante dos interesses da vida, que morre.

Se somos tradicionalistas, temos de ser católicos. Toda a nossa história é um favor da Providência Divina, um rosário de milagres, um hino de Fé. Desde Ourique a Alcâcer Kibir, em todas as batalhas e feitos da nossa epopeia guerreira e marítima, a vitória dos portugueses foi a vitória da Religião de Cristo.

A nossa bandeira eram as Chagas Divinas e por isso o triunfo das Quinas, era sempre o triunfo da Cruz. Se dilatámos o império, foi para dilatarmos a Fé. Santa Maria de Alcobaça, Santa Maria da Vitória, Santa Maria de Belém, se são padroões de glória Lusa, são também monumentos da Fé dos portugueses.

Sejamos católicos, católicos integros, disciplinados à voz dos prelados, sucessores dos Apóstolos, intérpretes da vontade de Deus e que para nós, portugueses, são os dignos representantes «da linhagem virtuosa dos nossos Bispos de outrora que ao levantarem a Cruz de Cristo, subiam que levantaram também a bandeira sagrada das Quinas». (2)

Se queremos ser integralistas, sejamos católicos como Sardinha o foi. Acreditemos «e confessem em Cristo». (3)

António Maria de Amaral PYRRAI

(1) Idem, pag. 55 e 56.

(2) «Na feira dos Mitos», pag. 56.

(3) «Durante a Foguiera», pag. 62.

ANTONIO SARDINHA

E

MAURICE BARRÈS

QUANDO dentre os meus livros fui procurar aqueles que Antonio Sardinha escrevera, juntamente com a *Corte da Sardinha*, veiu-me ter ás mãos um volume de Barrès: *Greco, ou le Secret de Tolède*. E numa decoração sombria, castelhana, de torres ameadas e longas planícies tristes, ao lado da figura austera de Antonio Sardinha curtindo penas do exílio, logo a figura de Barrès evocou—não do Barrès hírcio, de atitudes quasi hieráticas, dos tempos em que pelo egotismo fôra levado aos jardins dum esteticismo puro, bastante wildeano, mas do Barrès desartificioso, natural como se nos revela agora através do *Cahier*, do Barrès que poderosas tendências ancestrais traziam proximo do cristianismo, do Barrès caido em adoração na colina lourina diante do milagre da Tradição mantendo-a e conservando-a de gerações em gerações, patrimônio sagrado, sempre em aumento.

Desde então, constituiu minha intenção reunir na mesma homenagem — humilde e pobre homenagem — os dois Mestres admiraveis, os que mais profundamente impressionaram o meu espírito e mais eficazmente acinaram nélle, do modo a trazerem-me das duvidas em que me debatia para as certezas que hoje me têm na causa de Deus e da Pátria, da Igreja e do Rei.

Reuni-los, porém, era compará-los, acaréá-los, acaréá-los, era afastá-los ou aproximar-los, consciente o que se comolhisseda comparação, da acareação. Era, em todo o caso, marcar-lhes posições certas dentro das doutrinas que ambos professavam, embora sob aspectos diferentes. Ardua, erigada de dificuldades, se me afigurava pois a tarefa. Ainda lhe dei inicio. Acabei todavia por pô-la de parte, reservando-a para mais tarde. Do trabalho feito, a atestar a minha boa vontade — porque como homem de boa vontade me persigo e declaro — recorro as notas que seguem, notas traçadas ao correr da pena, à medida que eu ia lendo, dum e doutro, os textos que melhor os explicassesem e definissesem.

Escrivo René de Pianhol:—⁽¹⁾ *Aucun être humain n'est libre, pas même dans ses songes : il dépend de la terre qui l'a nourri, des paysages qui reflètent ses yeux d'enfant, du langage qui ne peut pas faire que toutes sortes de lieux ne l'enchaînent à ce présent et à ce passé. Et, son développement*

⁽¹⁾ Cita por Lucien Dubesch, in. *Pourquoi je suis royaliste*.

ment spirituel, il ne pourra donc l'accomplir que s'il reconnaît sa dépendance, que s'il se soumet à sa terre et à ses morts, que s'il accepte le fait inéductable de la patrie. C'est la leçon pathétique et souveraine qui se dégage des *Déracines*.

Não será também a lição que se tira da obra de Antonio Sardinha?

E pelo menos a lição do seu exemplo. Em qualquer dos aspectos da sua actividade, Antonio Sardinha é duma coerência perfeita consigo próprio. O homem confunde-se com o ensaista — na intensa do carácter, na rigeza do pulso, na escrupulosa honestidade do pensamento. E o poeta, longe de desmentir o ensaista, dir-se-hia ora sublinhá-lo, ora mesmo continuá-lo, aperfeiçoá-lo, acabá-lo. Dum tal conjunto resulta uma personalidade completa, inconfundível e forte, personalidade condicionada pelo meio e pelo ambiente, personalidade influenciada pela severa grandezza da paisagem alentejana e pelas virtudes robustas dos antepassados. Nisto, é Antonio Sardinha à maneira de Barrès: consciente dos seus limites iniciais, nêles se reconhece, sem custo, nêles se restringe, sem revolta, nêles e por elas luta e se sacrifica...

Mas não é apenas no exemplo que a sua vida nos oferece, que Antonio Sardinha é à maneira de Barrès. É-o grandemente no seu nacionalismo.

Na obra de Antonio Sardinha abundam passagens em que este se afirma discípulo da sua terra e dos seus mortos, como se afirmava Barrès. E quanto lhe devia, Antonio Sardinha o confessou uma vez, quando da morte daquele que fôr o arauto infatigável da reacção contra o internacionalismo e as democracias. — (3) *Murreu Barrès. A esse alvai, cheia da inquieta contradição dos novos tempos, tempos últimos dum mundo que se vai debaixo da bengala larga da Esperança, ex nunca pogrei a ordem que pôz na minha sensibilidade, os caminhos que abriu ao rio ardente das minhas emoções.*

Não digo, é claro, que Antonio Sardinha vá até ao extremo a que foi Barrès, postulando temerariamente: — (4) *Le nationalisme, c'est l'acceptation d'une détermination. A frase de Barrès, não há muito por Julien Benda citada contra o tradicionalismo — c'est le rôle des maîtres de justifier les habitudes et préjugés qui sont ceux de la France, de manière à préparer pour le mieux nos enfants à prendre leur rang dans la procession nationale — acertadamente replica Antonio Sardinha: — (5) Hô mortos bons, como há mortos maus. Ao cíduado de nosso escolhê entregaram os primeiros a sua vitória.*

O que sobretudo aproxima um do outro os nacionalismos de Barrès e Antonio Sardinha é o fundo cristão que os distingue e os anima — não obstante arrojos, exageros, contrasensos, a que, como vimos, Barrès não raro se deixava arrastar. Nacionalismos que aceitam um universalismo

(3) in. *Purgatorio das Ideias*.

(4) in. *Socias et doctrinas do nationalisme*.

(5) in. *Da hera nos colossos*.

bem entendido combatendo o internacionalismo, não nasceram sob o signo nxiago do orgulho nacional. Gerou-os o patriotismo, em horas de perigo, e tocar dos sinos a rebate. Não se encerram em chauvinismos estreitos. Demonstra-o a noção de pátria, como a ensinava Barrès, como a perfilha Antonio Sardinha. Onçamos de novo Planhol: —⁽⁷⁾ *Barrès décèrte à la France une dignité éminente; mais son nationalisme ne se fonde cependant pas sur ce qu'elle est la France, et seulement sur ce qu'elle est la patrie. Ainsi, les nationalismes étrangers pourraient tous également s'inspirer de la théorie barrésienne.* Os limites sucedem-se, gradualmente mais amplos e por inevitável consequência mais apagados, mais vagos. As fronteiras inacessíveis como muralhas, nós não as queremos. Para nós, portugueses, existe Portugal, como para os espanhóis existe a Espanha, como para os franceses existe a França. A seguir, para nós, portugueses e espanhóis, existe a Península—complexo de pátrias ligadas por idênticas aspirações e interesses idênticos, problema a que Antonio Sardinha achou soluções, com as suas teorias sobre o hispanismo, na *Aliança Peninsular*. Depois da Península, há a Latinidade, em que se encontram e se unem todos os povos latinos, usufrutuários da herança grego-romana. Depois da Latinidade, a Europa, pelo qual urge pegarem em armas todos os povos europeus, contra a pseudo-civilização americana e a barbaria asiática que a ameaçam de perto. E finalmente, há a república que compõem todas as nações à Igreja submetidas e do sinal da Cruz compartilhando conosco — a República Cristã, que na Idade Média foi um facto, quando os Reis eram vassalos do Papa.

Como notou Antonio Sardinha: —⁽⁸⁾ *Compreende-se que Maurice Barrès, simple professor da sensibilidade, nous frangisse nos coulisses. Faltava-lhe uma cultura sólida e equilibrada. E faltava-lhe principalmente a fé — a fé que derruba montanhas, como corre na boca do povo. Se Barrès tivesse crido, facilmente teria chegado a conclusões e marcado finalidades superiores às que marcou — as conclusões a que Antonio Sardinha soube levar a sua obra e as finalidades que ele nos incita a procurar atingir. Mas Barrès nunca ponde ou nunca quis crér. Era demasiado filho da época em que viveu. Não ponde ou não quis opôr-se abertamente ao século XIX, demolir os ídolos de barro que o século XIX erigira nas praças públicas. Sacrificou aos falsos deuses...*

Contudo, como Barrès nos aparece proximo do cristianismo, quando nos lembramos de Mastrras, segundo quem, iludiu-nos ainda Planhol: —⁽⁹⁾ *Le nationalisme se fonde sur ce que la France est la patrie, et peut-être davantage encore sur ce qu'elle est la France.* Rasto tinha Antonio Sardinha, comentando em 1923 a profecia dum escritor católico belga, Van der

⁽⁷⁾ Cit. por Lucien Dubech, in. *Pourquoi je suis royaliste.*

⁽⁸⁾ in. *Purpatria das Ideias.*

⁽⁹⁾ Cit. por Lucien Dubech, in. *Pourquoi je suis royaliste.*

Hont, de que a primeira heresia condenada seria o nacionalismo: —^(*) *Inteiamente de acordo, porque Van der Hoat, ao lançar a sua proposição, o que tinha debaixo de vista era seguramente o nacionalismo que hoje balançou a Europa, espécie de ideologia naturalista com todas as agressividades do egoísmo fisiológico e cego das organizações subalternas. A Igreja, justamente ambirosa de paz e ambiciosa da hegemonia perdida — do reinado social de Cristo — puniu já Maurras. Mussolini — cujo nacionalismo ao princípio acusara evidentes filiações em Nietzsche — já se submeteu, em Latrão. Possivelmente, nem todas as arestas do fascismo foram limadas logo de momento. Ao ritmo da ampolha a resto se fará...*

Entretanto, os verdadeiros nacionalismos vão de triunfos em triunfos — triunfos nos domínios do Espírito, triunfos nos domínios da Intelligência. Barrès regressa, anuncia Henri Massis. E António Sardinha, que jamais nos abandonou, está aqui, junto de nós, a inflamar-nos de entusiasmo, a aconselhar-nos vivamente que prosigamos sempre e sempre, sem uma hesitação, sem um minuto de desânimo, até conseguirmos que Portugal volte definitivamente para a Igreja e para o Rei, apesar dos intelectuais semitas ou semitizados que nos rodeiam e nos ditam leis, apesar dos financeiros de Israel, interessados na anarquia e na desordem, apesar dos que pelos trinta dinheiros aos estrangeiros se venderam e dos que pela cobardia cessaram de pugnar em prol da Verdade Portuguesa — da dupla verdade católica e monárquica da nossa raça — porque a pugna ia renhida e demorada...

Dutra FARIA

^(*) in. *Purgatório das Heresias*.

ANTONIO SARDINHA

a sua fé—o seu entusiamo

DEUS de tantas e tão brilhantes e autorizadas penas terem já estudado António Sardinha sob tantos e tão interessantes aspectos, tornam-se — a bem dizer — descabidas quaisquer considerações minhas, dada a insignificância e inabilidade de quem as faz.

No entanto terei o arrôjo de tentar frizar uma *nuance* da sua personalidade, que por muito me impressionar, nesta época dessorrada de descrença e indiferente apatia, me levou a ainda mais o admirar.

Refiro-me ao grande entusiasmo que punha na luta em que se empenhara, e a essa fé cega — mas consciente — que tinha nos destinos da Pátria, e que lhe dá jus à qualificação de grande patriota, no verdadeiro e explêndido sentido da palavra.

A maior parte dos seus admiráveis ensaios e artigos, ou finaliza com uma exortação entusiástica à gente sã de Portugal, e muito especialmente às novas gerações — a essas que aparecem já livres dos preconceitos bafiantes que são as ideias e princípios desse século de trevas que, empoladamente se intitulou Século das Luzes —, ou encerra bastas e veementes lições de patriotismo, em outras tantas confissões de fé no porvir do seu país, e em afirmações claras e bem documentadas das intangíveis verdades nacionais, que a História, a Tradição e os mortos lhe ditaram, e que ele, passando-as pela fieira do seu raciocínio, da sua intiligência e da sua ilustração, expunha com uma inspiração de apóstolo e uma coragem de cruzado.

Acordou-me do estado de insensibilidade flemática e indiferente desinteresse em que me mergulhava a pouco e pouco — ridicilmente sceptico e dissolventemente pessimista, antes de fazer vinte anos! — esse seu fogoso entusiasmo.

Então, como que encontrei a minha estrada de Damasco.

E agora, não vejo melhor maneira de lhe render o preito que merece, do que pedindo à mocidade da minha terra — sã e desempoeirada — mas adormecida numa atmosfera perigosa, empestada de miasmas destruidores, que procure conhecer a obra d'ele, certo que serão logo despertadas suas energias, e que da comunhão da Verdade, que as suas palavras tão bem revelam e fazem sentir, com a Fé, que elas tão convictamente ateiam, nascerá a coorte dos restauradores de Portugal.

R e s t a u r a ç à o

D IZER o Verbo naquela época de grande perturbação ideológica, em que os valores se sumiam pela anarquia dos seus princípios políticos, ou se ridicularizavam nas tribunas parlamentares, foi a obra grandiosa de António Sardinha, o verdadeiro amigo da Nação, que ele defendia como uma realidade fisiológica.

Nem essa perturbação mental que tanto nos affligiu, nem o bacilo canceroso do segundo movimento político internacional, nem ainda a grande luta pelo interesse que tanto depauperou a Nossa Terra, conseguiram retardar o movimento reacionário por ele iniciado, ou amesquinhar o seu alto valor intelectual.

O Mestre ainda não acabou de Dizer e de Ensinar. A sua palavra é cada vez mais clara e mais enfática porque o Verbo é irrefutável.

O auditório cresce e ha-de acotovelar-se ante a Verdade Política Nacional numa apoteose justa ao defensor da Igreja Católica e ao verdadeiro amigo da Pátria.

E quando Portugal, liberto da influencia estranha soltar o grito sincero de seu sentimento atávico pela Monarquia-organica dos municípios, corporações e sindicatos, António Sardinha consumará a sua obra, continuando a viver em eterna memória, e a nação inteira viverá na demonstração evidente da Verdade que foi dita pelo verdadeiro Restaurador.

Lisboa Janeiro de 1930.

Francisco de M. GALVÃO

singela Homenagem

RELEMPEAR a morte de Antonio Sardinha, é combinar idéas, pensar no futuro; é pugnar por uma causa a que nos sujeitam as nossas crenças; é a impreverível necessidade de conseguir a finalidade da doutrina que, a visão preclara dum homem delineou suavemente, num momento de profunda e angustiosa desilusão!

Exemplo de virtudes e de civismo, Antonio Sardinha, representa o prodígio eloquente do Integralismo! De um estilo claro, sem fastidiosa e supérflua extensão de palavras, maneja altivamente e com rara originalidade e desafectação, os assuntos mais complicados e melindrosos.

Julgou sem dificuldade, e confirmou os seus princípios com destreza, quer admoestando a acção indecorosa da governação pública, quer profetizando o grande infortúnio duma nacionalidade arrastada para o abismo, pela corrupção dos homens!

Português de temperamento, tendo um culto indelével pela pátria, pela família, e pela religião Católica, Antonio Sardinha, apareceu numa época de afecção social, numa época em que a desordenação de princípios e de costumes, reinava em quase todos os espíritos.

E numa fase, em que predominava a malícia, a vaidade, e a nenhuma presença de carácter, Antonio Sardinha foi um verdadeiro apóstolo entre tão objecta multidão, exaltando o nacionalismo, e nêle, o ressurgimento duma pátria decomposta, cauterizada pelo ferrete da sua condenação!

Temos que honrar Antonio Sardinha! Mas, para honrar a sua memória, é-nos imposto vincar com honestidade e decisão a nossa atitude, e esperar o embate, sem medo, e sem recuo, que nos dará a vitória!

Nós, os novos que o conhecemos, e que o meditamos e o sentimos, deixemos prevalecer nos nossos corações o culto pela família e pela religião católica, e jamais reprimamos o impetuoso amor patrio, crendo em Deus, no Rei, e na nossa Nacionalidade!

S. Domingos, 31 de Dezembro de 1929.

Alves LOPES

NOTA FINAL

A preparação deste numero da "Política" ordenada por nós á Redacção em fins de Dezembro, representa da sua parte muito esforço e bona vontade. Absorvidos com os trabalhos de reorganisação dos nossos quadros escolares, só tarde a ideia nos ocorreu e só tarde portanto foi ordenada.

Daf o limitado prazo que a Redacção concedeu aos colaboradores.

Por outro lado algumas demoras no envio de originais e o facto de, por motivos estranhos e superiores á nossa vontade e á dos nossos ilustres amigos, termos de fazer e refazer artigos, foram as causas que determinaram o atraso com que este numero saí ...

O curto espaço de tempo em que foi preparado não nos permitiu solicitar algumas colaborações, que muito prezariam, como a do nosso querido camarada Leão Ramos Ascenção, actualmente por terras de África, e a dos nossos ilustres amigos, Carlos Malheiro Dias, demorado pelo Brazil e Martinho Nobre de Melo, só há pouco regressado do estrangeiro.

Carlos Selvagem, por motivos de muito e inadiável trabalho, bem contra o seu desejo, não pôde aceder ao nosso convite. Pelos mesmos motivos acima referidos, estranhos e superiores á nossa vontade e á do seu ilustre autor, não se publica o admirável e oportuno artigo, com que Rolão Preto quis honrar este numero e a Memória do Mestre...

A gentileza de Afonso Lopes Vieira devemos as palavras, que expressamente escreveu, que acompanham a gravura da lápide do aqueducto de Elvas, e... as nossas desculpas pelo atraso e por quaisquer omissões.

* * *

E' cedo ainda para se dizerem sobre o Mestre as "palavras que ficasen", porque a sua obra não está ainda toda dada á estampa, porque a

POLITICA

nossa dor está ainda muito viva e, enfim, porque esta hora intranquila, não é ainda a Hora...

Este numero não é, portanto, o *In Memoriam* do Mestre, mas um testemunho para a gente nova...

Em íntimo contacto com as gerações que sobem para a vida e para a luta, debruçados portanto, sobre as largas perspectivas do futuro, encontramo-nos numa posição privilegiada, que nos reveste de especial autoridade para soltarmos este toque de *cerrar fileiras!* — sobre todo o mostradouro do quadrante: aos avanguardistas como aos veteranos...

Sentinelas fieis ás ordens dos verdadeiros e únicos chefes, cumprimos o nosso dever soltando este brado de — ás armas! — agora que o combate está travado em todos os sectores da gente nova.

A Junta Escolar de Lisboa

no primeiro lustre da morte do Mestre as missas em Lisboa

MANDADAS dizêr pela Junta Central e pela Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, foram rezadas duas missas no dia 10, na Basílica dos Martires, pelas 10 horas e meia, sufragando a alma de António Sardinha.

Na impossibilidade de darmos uma nota complecta da assistencia bastante numerosa, limitamo-nos a dar alguns nomes ao sabor da memória:

Drs. Hipólito Raposo, Pequito Rebelo e Afonso Lucas, da Junta Central; Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, Dr. Soares Victor, Dr. Pablo Pereira, Dr. Gonçalves Rodrigues, Dr. Abraões Tavares, Dr. Alberto Calejo, Fernando Campos, D. Bernardo da Costa (Mesquitela), Duque Calado, Dutra Faria, Acurcio Rodrigues, Centeno Castanho, Armando Alves Lopes, Valentim de Sá, António do Amaral Pyrrait, Melo e Sabo, Franz d'Almeida Langhens, Manuel Viegas Tavares, Alexandre d'Almeida Fernandes, Corrêa de Melo, Quirino da Fonseca, Domingos Mascarenhas e Silva, Francisco M. Galvão, José de Almeida Fernandes, etc., etc.

Fizeram-se representar, «A Política» pelos seus Redactores, e os Núcleos de Direito, Letras, Medicina, Ciências, Técnico e Agronomia, da Junta Escolar de Lisboa.

As missas foram acolitadas pelos nossos camaradas Drs. Moraes e Alves Campos.

A OBRA LITERARIA DE ANTÓNIO SARDINHA

Poesia

Trecho Reverdecido

1906-1908
(Lx., 1910).

A Epopela da Planicie

Poemas da Terra e do Sangue
(Coimbra, 1915).

Quando as nascentes despertam...

Poemas da Turbação e da Bóis Estrela
(Lx., 1921).

Na Corte da Saudade

Sonetos de Toledo
(Coimbra, 1922).

Chuva da Tarde

Sonetos de Amor
(Coimbra, 1923).

Era uma vez um menino...

Elegias
(Lx., 1926).

A PUBLICAR:

Roubo de Europa

Poema
Com um estudo de Luís de Almeida Braga.

Pequena casa Lusitana

Sonetos.

Procissão de Cinzas & Outros Poemas.

**História Nacional, Filosofia Política
e Crítica das Idéias**

O Valor da Raça

Introdução a uma Campanha Nacional
(Lx., 1915).

Ao Princípio era o Verbo

Ensaios & Estudos
(Lx., 1924).

POLITICA

Ao Ritmo da Ampulheta

Critica & Doutrina

(Coimbra, 1915).

Teoria das Cortes Gerais

Prefácio à História e Teoria das Cortes Gerais, do 2.º Visconde de Santarem

(Lx., 1915)

Na Feira dos Mitos

Idéas & Factos

(Lx., 1916).

Durante a Fogueira

Páginas da Guerra

Lx., 1917.

À sombra dos Porticos

Novos Ensaços

Lx., 1917.

Da hera nas Colunas

Novos estudos

(Lx., 1918)

Purgatorio das Ideias

Ensaços de Crítica

Lx., 1919.

A PUBLICAR:

De Vita et Moribus

Casos & Almas

Glosário dos Tempos

A prol do comum

O Processo dum Rei

Estudos Peninsulares

A Questão Iberica

(De colaboração)

O Território e a Raça

(Lx., 1916).

A Aliança Peninsular

Antecedentes & Possibilidades

Prefácio de D. Gabriel Maura

Camazo, Conde de la Mortera

(Porto, 1914).

A PUBLICAR:

À Lareira de Castela

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis

PARTOS - SÍFILIS

CONSULTAS — Largo José Fontana, 12-2.

ÀS 16 HORAS

DR. MÁRIO CARDIA

MÉDICO DOS HOSPITAIS

Doenças das senhoras. Partos. Cirurgia.

Tumores e pênis e eletricista

A VENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.^o — PORTO

TELEF. 4007

MIRA DA SILVA

MÉDICO

AV. ALMIRANTE REIS, 57-A, 1.^o

LISBOA

DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis

CONSULTAS

LISBOA: Rua 18 de Outubro, 33 — TEL. C. 2970

ÀS 14 H.

ESCRITÓRIO: R. Frei Baio

ÀS 17,30 H.

PIANOS SCHWECHTEN

Os melhores entre os melhores

REPRESENTANTES

OLAVO CRUZ, L.^{DA}

L. Trindade Coelho, 6

LISBOA

Não ha CAFÉ como o da

A PAULISTANA

Gerência de ADRIANO TELES

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE

CAFÉ E OUTROS PRODUTOS DO BRASIL

Largo de S. Domingos, 12

(Palácio do Conde de Almada, junto a União, S. M.)

PEDIDOS PELO TELEF. T. 1887

BREVEMENTE:

Av. Fontes Pereira de Melo, 53-A, 53-B

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.^o

TELEFONE C. 642

LISBOA

ANTONIO J. FREIRE

CLINICA MEDICA-PSICOTERAPIA

CONSULTORIO: Rua da Santa Justa, 6, 1.^o
às 1,15, 4,30 e 6,30 — DIA 15 DA 18 H.

TELÉF. TRINDADE 3584

RESIDENCIA: Rua da Jenipapo, 279, 1.^o

TEL. Belas 407 — LISBOA

MARTINHO NOBRE DE MELLO

ADVOGADO

RUA DE SANTA JUSTA, 82, 2.^o

TELEF. N. 4952

LISBOA

A. NUNES E SILVA

ADVOGADO

TEL. C. 642

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.^o

LISBOA

LIVRARIA FERIN

(FUNDADA EM 1840)

TORRES & C.^{TA}

70, Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Serviço de livros nacionais e estrangeiros

Sciencias — Artes — Letras

Material de Desenho

Correspondência com todos os Mercados
do mundo Estrangeiro

TELEF. C. 508

